

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM DESENVOLVIMENTO RURAL -  
PLAGEDER**

**GEAN FELIPE ANGELIN**

**ESCOAMENTO DA PRODUÇÃO OLERÍCOLA: ANÁLISE PARA A REALIDADE  
DE PRESIDENTE LUCENA-RS**

**Picada Café  
2017**

**GEAN FELIPE ANGELIN**

**ESCOAMENTO DA PRODUÇÃO OLERÍCOLA: ANÁLISE PARA A REALIDADE  
DE PRESIDENTE LUCENA-RS**

Trabalho de conclusão submetido ao curso de graduação em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural.

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Xavier da Silva

Coorientador: Prof. Me. Eduardo Rodrigues Sanguinet

**Picada Café  
2017**

**GEAN FELIPE ANGELIN**

**ESCOAMENTO DA PRODUÇÃO OLERÍCOLA: ANÁLISE PARA A REALIDADE  
DE PRESIDENTE LUCENA-RS**

Trabalho de conclusão submetido ao curso de graduação em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural.

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Xavier da Silva

Coorientador: Prof. Me. Eduardo Rodrigues Sanguinet

Aprovado em: Porto Alegre, via web conferência, 27 de Novembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. João Armando Dessimon  
UFRGS

---

Prof. Dr. Leonardo Xavier da Silva (Presidente)  
UFRGS

---

Prof. Dr. Lovois de Andrade Miguel  
UFRGS

A meu filho, que está por nascer, com muito amor e carinho.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por me proporcionar saúde e direcionar minhas caminhadas, até chegar nesse momento.

Aos meus pais e familiares que sempre me incentivaram a estudar, para que assim fosse possível ansiar por melhores condições de vida.

À minha companheira, profundo agradecimento, pela dedicação, companheirismo, incentivo, apoio e compreensão, pois não foram poucos os momentos em que precisei me ausentar de sua companhia para chegar até aqui.

Agradeço aos colegas de trabalho e amigos pela enorme compreensão nos momentos em que precisei deles para poder elaborar minhas tarefas.

Igualmente, agradeço aos orientadores, por estarem sempre à disposição para auxiliar na dissolução de dúvidas, mostrar o caminho correto a seguir no estudo realizado e incentivá-los constantemente.

Gratidão aos produtores e ao agente da EMATER de Presidente Lucena, que dispuseram de seu tempo tão precioso e com muita paciência e receptividade contribuíram com os trabalhos de campo desta pesquisa.

Também sou enormemente grato pela oportunidade oferecida pela UFRGS em conjunto com o MEC e Prefeitura Municipal de Picada Café, de poder fazer este curso através do Polo universitário de Picada Café, bem como todas as pessoas envolvidas que tornaram isso possível. Aproveito para parabenizá-los pelo excelente trabalho que veem desenvolvendo.

## RESUMO

Para obter bom desempenho nas atividades agrícolas, os produtores necessitam de condições favoráveis no momento de escoar seus produtos. Para isso, a administração sobre a movimentação de matérias, ou seja, as escolhas do modal, rotas, veículos e canais de comercialização mais adequados para o transporte e escoamento da produção, são de extrema relevância para a reprodução socioeconômica dos produtores rurais. Diante disso, o presente estudo objetiva analisar as condições do escoamento da produção olerícola para a realidade de Presidente Lucena, localizado ao norte da região do Vale do Rio dos Sinos, no estado do Rio Grande do Sul, extremo sul do Brasil. Para isso, foram estipulados os objetivos específicos, que consistem em analisar o contexto da logística e do escoamento da produção, avaliar as relações existentes entre produtores e os demais elos da cadeia produtiva envolvidos no escoamento e discutir alternativas para os produtores locais. A pesquisa é do tipo exploratória e de natureza aplicada. Os procedimentos metodológicos adotados iniciaram-se com a etapa de revisão de literatura sobre o tema escolhido, seguido da pesquisa de campo para a obtenção de dados primários. A pesquisa de campo foi dividida em duas partes: (i) na primeira, foi aplicado formulário junto ao agente da EMATER local para validar informações e formular uma unidade de análise compatível com a realidade a ser estudada, (ii) na segunda etapa, oito produtores olerícolas do município foram entrevistados. Posteriormente sendo analisados de maneira quantitativa e qualitativa. Os resultados mostram que a maior parte da produção olerícola no município está sendo escoada por um canal de comercialização específico, e que a logística de transporte utilizada encontra-se em perfeita harmonia entre as especificidades dos produtos, o tempo e a distância percorrida, a rota utilizada é a mais viável, os produtores consideram ter boas relações com os compradores de seus produtos e estes produtores não conseguem ter controle dos fluxos de produtos e valores. Conclui-se que, de modo geral, a forma como está sendo escoada a produção, tem proporcionado boas condições de vida a estes produtores olerícolas, propõem-se alternativas quanto ao canal de comercialização para cada perfil de produtor e sugere-se a eles, que elaborem controle para melhor administrar suas propriedades.

**Palavras-chave:** olericultura, transporte, comercialização, escoamento.

## ABSTRACT

To obtain a good performance in agricultural activities, producers need favorable conditions when disposing their products. The management on the movement of materials, that is, the mode, route, vehicle, and the most appropriate commercial channels for transportation and disposal of production, are highly relevant for the socioeconomic development of rural producers. This study analyzes the conditions of the outflow of vegetables production of Presidente Lucena, a small city located north of the Sinos River Valley in the state of Rio Grande do Sul, Brazil. To achieve this, specific objectives were defined to analyze the context of logistics and production flow, evaluating the existing relationships between producers and other links involved in the outflow of the production chain, and alternatives are proposed for the local producers. This research is exploratory and applied, and the methodological procedures began with literature review on the chosen topic, followed by field research to obtain primary data. The field research was divided into two parts: (i) first, a form was applied to the local EMATER (a technical assistance and rural extension company) agent to validate the information and formulate compatible analysis with the reality to be studied; (ii) in the second stage, eight municipality's olericulture producers were interviewed, later analyzed in a quantitative and qualitative way. The results show that most of the olericulture production in the municipality, outflows by a specific commercial channel and that the transport logistics used are in perfect harmony between the products, the time and the distance traveled. The route used is the most viable, and the producers consider having good relations with the buyers of their products, but don not control the flows and values of products. In general, the way production is being disposed of, has provided good living conditions to these olericulture producers, alternatives are proposed for the marketing channel for each producer profile and, it is suggested to them to develop a better control to manage their properties.

**Key-words:** Horticulture. Transport. Commercialization. Outflowofproduction.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 – Configuração de uma cadeia produtiva.....	22
Figura 2 - Rota de escoamento mais utilizada pelos produtores entrevistados.....	60



## LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 – Organização estrutural do trabalho.....	18
Quadro 2 – Estrutura do formulário de pesquisa aos produtores.....	39
Tabela 1 – A representatividade do meio rural para o município de Presidente Lucena.....	44
Tabela 2 – Veículos de carga registrados em Presidente Lucena (entre 2010 e 2015).....	47
Tabela 3 – Volume e valores relatados por três produtores entrevistados.....	52
Tabela 4 - Área produzida e rendimento médio em Presidente Lucena.....	54
Tabela 5 - Área produzida e rendimento médio no RS.....	54

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Mão de obra disponível nas propriedades consultadas.....	49
Gráfico 2 – Tamanho das propriedades analisadas e área destinada à produção olerícola (ha).....	49
Gráfico 3 – Principal fonte de renda para as famílias rurais envolvidas na pesquisa.....	51
Gráfico 4 – Produtos produzidos nas propriedades pesquisadas.....	51
Gráfico 5 – Nível de mecanização utilizado nas propriedades analisadas.....	53
Gráfico 6 – Técnicas de produção utilizadas nas propriedades consultadas.....	55
Gráfico 7 – Representação dos canais de comercialização utilizados para o escoamento da produção, pelos produtores entrevistados.....	57
Gráfico 8 – Disponibilidade de transporte nas propriedades pesquisadas.....	61

## **LISTA DE ABRIVIATURAS**

AF – Agricultura Familiar

ANTT – Agência Nacional de Transportes Terrestres

ATER – Assistência Técnica e Extensão Rural

CNT – Confederação Nacional do Transporte

COREDE – Conselho Regional de Desenvolvimento do Rio Grande do Sul

EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural

FEAPER – Fundo Estadual de Apoio ao Pequeno Estabelecimento Rural

FLV – Frutas, Legumes e Verduras

GAS – Grupo de Aquisição Solidária

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas

MS – Mato Grosso do Sul

MT – Ministério do Transporte

MT – Mato Grosso

PAA – Programa de Aquisição de Alimentos

PNAE – Programa Nacional de Alimentação Escolar

PNLT – Plano Nacional de Logística dos Transportes

PPP – Parcerias Público-Privadas

SEDS – Secretaria de Estado e Defesa Social

UPA – Unidade de Produção Agrícola

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
1.1	OBJETIVOS.....	16
1.1.1	<b>Objetivo geral .....</b>	<b>16</b>
1.1.2	<b>Objetivos específicos .....</b>	<b>16</b>
1.2	JUSTIFICATIVA.....	17
1.3	ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO .....	18
<b>2</b>	<b>REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>20</b>
2.1	LOGÍSTICA NA AGRICULTURA: A QUESTÃO DO ESCOAMENTO DA PRODUÇÃO .....	20
2.1.1	<b>Logística de transporte .....</b>	<b>23</b>
2.1.2	<b>Logística, escoamento da produção e transporte: estudos empíricos.....</b>	<b>25</b>
2.2	PRODUÇÃO DE HORTALIÇAS: CARACTERÍSTICAS GERAIS .....	28
2.3	ESTRATÉGIAS NA AGRICULTURA FAMILIAR: COMERCIALIZAÇÃO.....	30
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>36</b>
3.1	TIPO DE PESQUISA.....	36
3.2	UNIDADES DE ANÁLISE .....	37
3.3	POPULAÇÃO E AMOSTRA .....	38
3.4	COLETA DE DADOS .....	39
3.5	ANÁLISE DE DADOS.....	40
3.6	ASPECTOS ÉTICOS .....	41
<b>4</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>43</b>
4.1	A AGRICULTURA EM PRESIDENTE LUCENA - RS.....	43
4.1.1	<b>O ponto de vista do agente da EMATER quanto ao meio rural e o escoamento da produção olerícola no município.....</b>	<b>45</b>

<b>4.1.2</b>	<b>Características das famílias e propriedades: resultados da pesquisa de campo.....</b>	<b>48</b>
4.2	PRODUÇÃO OLERÍCOLA EM PRESIDENTE LUCENA – RS .....	50
4.3	ESCOAMENTO DA PRODUÇÃO OLERÍCOLA EM PRESIDENTE LUCENA .....	56
4.4	LOGÍSTICA DE TRANSPORTE PARA O ESCOAMENTO DA PRODUÇÃO OLERÍCOLA LOCAL .....	58
4.5	RELAÇÕES ENTRE OS ELOS DA CADEIA PRODUTIVA: O PONTO DE VISTA DO PRODUTOR.....	61
4.6	ALTERNATIVAS DE COMERCIALIZAÇÃO PARA OS PRODUTORES OLERÍCOLAS DE PRESIDENTE LUCENA.....	65
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>68</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>71</b>
	<b>ANEXOS .....</b>	<b>75</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Segundo Ballou (2004<sup>1</sup> *apud* NOTARJACOMO, 2013), a movimentação de matérias primas e produtos são fundamentais para a existência de qualquer empresa que produz determinados bens, fazendo-se necessária a escolha do modal, das rotas e dos veículos mais adequados para os produtos que se pretende escoar, isso proporcionará redução de custos. Em uma Unidade de Produção Agrícola (UPA) estas escolhas decorrem das decisões de administração que os integrantes, seja familiar, empresa rural ou sociedade rural, empregam na logística de transporte. Este aspecto é de suma importância para uma UPA, pois, a sobrevivência da unidade de produção, bem como a manutenção das atividades produtivas e possibilidades de crescimento estão diretamente relacionadas ao escoamento, e a redução de custos contribui consideravelmente para o bom desempenho do escoamento da produção.

No município de Presidente Lucena, localizado entre o Vale do Rio dos Sinos e a Serra do Rio Grande do Sul, a produção de olerícolas é predominante no cenário agrícola. Tal produção consiste no cultivo de plantas destinadas a alimentação humana, sendo consumidas as raízes, folhas e os caules, corroborando com a nutrição e saúde. De acordo com a Resolução nº 12 de Julho de 1978 (BRASIL, 1978), estas plantas são classificadas em verduras, legumes e raízes ou tubérculos. Das primeiras, consumimos as partes verdes, em geral as folhas e caules, das segundas, os frutos e sementes e das últimas, as partes que ficam embaixo da terra, como as raízes.

Diante deste contexto produtivo, os produtores locais, muitas vezes, preferem produzir e investir montantes menores em comparação aos demais produtores, utilizando-se somente a mão de obra familiar para a produção, transferindo os riscos de comercialização aos atravessadores e diminuindo seus lucros. Configura-se, assim, uma produção agrícola de base familiar, em que força de trabalho e a mão de obra empregada nas atividades agrícolas são exclusivamente dos integrantes da família. Muitos destes produtores familiares locais podem enfrentar dificuldades para escoar suas produções agrícolas destinadas à comercialização, em parte devido a problemas de recursos financeiros e estruturais referente ao transporte, à logística e ao próprio sistema de comercialização, instituídos atualmente. O escoamento da produção agrícola e seus condicionantes, em termos de logística de transporte, se tornam uma

---

<sup>1</sup> BALLOU, Ronald H. Gerenciamento da cadeia de suprimentos: planejamento, organização e logística empresarial. **Tradução de Elias Pereira**. 4. ed. Bookman: Porto Alegre, 2001.

temática relevante para as discussões sobre a agricultura e a economia local em Presidente Lucena.

Considerando que os assuntos intrínsecos ao escoamento da produção e aos fatores relacionados ao adequado processo de transporte dos produtos interferem nas condições de vida dos produtores locais e dos demais segmentos e atores desta cadeia produtiva, cabe apontar a afirmação feita por Miele, Schlutz e Waquil (2011) de que a comercialização agrícola deve ser entendida como algo além da transferência de propriedade dos produtos, sendo necessário formular estratégias para atingir o que se deseja.

Além disso, os autores consideram a comercialização como um instrumento de regulação da produção, onde a oferta se adapta a demanda, “configurando a organização dos intermediários, cada qual desempenhando uma ou mais funções de comercialização e o arranjo institucional que viabiliza as relações de mercado nas cadeias produtivas agroindustriais”. (MIELE, SCHULTZ e WAQUIL, 2011, p.57).

Assim, entende-se que as estratégias de comercialização cumprem um papel vital para todos os integrantes da cadeia produtiva, devendo os produtores olerícolas buscarem estratégias viáveis para o escoamento de suas produções, pois as relações comerciais existentes entre os elos da cadeia produtiva vão determinar suas condições socioeconômicas, assim como possibilidades de estratégias, capacidade de produção e a posição de poder (hierarquia nas relações) ocupada dentro da cadeia produtiva.

A produção de base familiar encontra dificuldades bem peculiares no momento do escoamento, em que três pontos cruciais merecem destaque: (i) as dificuldades logísticas e estruturais devido à predominância de baixo poder aquisitivo e pouca mão de obra entre os agricultores familiares; (ii) a falta de uma gestão qualificada no emprego de seus recursos e estratégias comerciais pela quantidade reduzida de produção que geralmente é diversificada e exige uma gestão eficiente por abranger diferentes nichos de mercado; e (iii) fatores relacionados ao transporte adequado para os produtos, desde a origem, até o destino final (fornecedores, atravessadores, CEASA, consumidores, etc.).

As relações econômicas firmadas pelos produtores de olerícolas envolvem a compra de insumos necessários para efetivar a produção (adubos, sementes, mudas, defensivos, agrotóxicos, maquinários, ferramentas, sistema de irrigação, etc.) e a venda/comercialização dos produtos produzidos por eles em suas propriedades, neste caso as olerícolas.

Desta forma, estas relações envolvendo os produtores olerícolas locais com os demais segmentos e agentes econômicos, tais como (fornecedores, atravessadores, CEASA, consumidores, etc.) e as suas escolhas (sejam elas baseadas em estratégias, necessidades ou

condições) irão determinar o potencial produtivo de cada um dos produtores em análise, bem como a organização dos segmentos envolvidos que compõem ou configuram a cadeia produtiva em sua totalidade.

De acordo com Schmitt (2011), a agricultura familiar tem papel fundamental para o abastecimento de alimentos, sendo responsável por 63% da produção e cultivo de hortaliças. Tal dado reforça a importância de se averiguar as condições de escoamento da produção local, que afetam as condições de vida dos produtores no município e o abastecimento de hortaliças de outras regiões do estado do Rio Grande do Sul, independente do canal de comercialização utilizado.

Sendo assim, torna-se relevante verificar as características do município em tela para, então, compreender a sua estruturação e a atual configuração, bem como se há potencial no ambiente rural local, que terá o escoamento da produção de olerícolas como objeto de análise deste estudo. A partir de tais questionamentos, formula-se o problema de pesquisa: **Como são as condições para o escoamento da produção olerícola em Presidente Lucena - RS?**

A partir deste problema de pesquisa, definem-se os objetivos do presente estudo. Nas seções seguintes, consolidam-se as principais justificativas para a elaboração do estudo, bem como, apresenta-se a organização do trabalho.

## 1.1 OBJETIVOS

Este estudo consolida-se a partir do problema de pesquisa exposto e dos objetivos geral e dos específicos.

### 1.1.1 Objetivo geral

Analisar as condições do escoamento da produção olerícola em Presidente Lucena - RS.

### 1.1.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos são:

- a) avaliar o contexto da logística de transporte e do escoamento da produção olerícola em Presidente Lucena;



- b) analisar as relações existentes entre os produtores de hortaliças e os demais elos da cadeia produtiva, envolvidos no processo de escoamento da produção;
- c) analisar a logística de transporte para o escoamento da produção olerícola local;
- d) discutir alternativas em relação ao escoamento da produção, para os produtores locais.

## 1.2 JUSTIFICATIVA

Fonseca, Neto e Silva (2010) mencionam que o número de estudos relacionados ao escoamento da produção, nas cadeias produtivas hortifrutícolas do país é reduzido, mesmo tendo uma grande relevância para a economia. Com isso, destaca-se a importância de se elaborar estudos para verificar as condições de escoamento, com a finalidade de contribuir para o fortalecimento deste setor produtivo.

Os produtores olerícolas de Presidente Lucena contribuem consideravelmente com o abastecimento de alimentos no estado do Rio Grande do Sul, escoando a maior parte suas produções através da CEASA de Porto Alegre, sendo esta central, uma das responsáveis por proporcionar e/ou gerenciar a distribuição destes alimentos para muitos lugares do estado, do Brasil e do mundo.

Tendo em vista a escassez de estudos e a representatividade da produção olerícola no município, a elaboração desta pesquisa pode ser considerada de grande importância, tanto para contribuir com a comunidade acadêmica através das análises e discussões, como para o conhecimento e melhoramento do escoamento para a produção local, com vistas a proporcionar condições mais favoráveis às futuras gerações, seja nas condições de produção ou quanto ao consumo destes alimentos.

A logística utilizada no transporte representa a maior parcela de custos para o escoamento da produção, com isso percebe-se a necessidade de discutir sobre as condições de transporte que envolvem o escoamento da produção olerícola deste município. Fernandes (2014) comenta que o escoamento da produção é um grande limitante da competitividade para o agronegócio brasileiro. Que precisamos de muitos estudos e investimentos para melhorar as condições de escoamento atuais, tanto nos modais, estrutura de armazenagem e meios de transporte utilizados. Para que as condições de escoamento sejam adequadas às necessidades dos produtos e as estratégias de produção.

Devido à diversidade de possibilidades e a complexidade das relações necessárias para o bom andamento das atividades agrícolas, estudar os assuntos relacionados ao escoamento da produção agrícola buscando entender as causas de problemas existentes e identificando potenciais oportunidades, além de importante, se faz necessário para garantir melhores condições de vida às atuais e futuras gerações.

Cabe mencionar a importância de fortalecer a agricultura de base familiar, levando em consideração suas características produtivas, que em geral, preservam a biodiversidade com o predomínio da policultura, contribuem com a segurança alimentar pela diversidade produtiva e com a sustentabilidade ambiental, social e cultural por preservar características locais específicas.

Contudo, a expectativa de identificar e analisar adequadamente possíveis gargalos e soluções sobre as questões relacionadas às condições da logística empregada no transporte e sua disponibilidade, das rodovias usadas nos trajetos percorridos para o escoamento, os veículos utilizados, canais e estratégias de comercialização e as relações entre os segmentos da cadeia produtiva, fazem com que este estudo tenha real possibilidade de contribuir para o desenvolvimento rural local, pela análise situacional atual e a perspectiva de refletir sobre melhorias, principalmente para os produtores, mas também para todos que integram a cadeia produtiva e o próprio sistema produtivo olerícola, ora instaurado.

Da mesma forma, refletir sobre as formas de escoamento da produção local e as possibilidades já experimentadas em outros locais e situações, adaptando-as para fortalecer o meio rural local, se apresentam como uma oportunidade de firmar bases para a literatura empírica municipal acerca da problemática do escoamento da produção agrícola, com dados reais e anseios endógenos, autênticos e verdadeiros, em benefício de um desenvolvimento rural local mais coeso, eficiente e sustentável.

### 1.3 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Este trabalho está organizado em cinco capítulos, a contar deste introdutório. O Quadro 1 sintetiza a organização do mesmo.

Quadro 1 – Organização estrutural do trabalho

(continua)

Capítulo	Título	Descrição
1	Introdução	Apresentação das temáticas que envolvem o escoamento da produção agrícola, problema de pesquisa, dos objetivos pretendidos com a realização da presente pesquisa e a justificativa de sua pertinência para o contexto do município de Presidente Lucena.

(conclusão)

Capítulo	Título	Descrição
2	Revisão de Literatura	Pesquisa e reflexão sobre a literatura acerca dos assuntos que envolvem o escoamento da produção agrícola, dividida em quatro subseções que apontam discussões sobre: Logística na agricultura (subseção 2.1); Características gerais das hortaliças (subseção 2.2); Cadeias produtivas (subseção 2.3) e Estratégias de comercialização para a agricultura familiar (subseção 2.4).
3	Metodologia	Estipulam-se o tipo e a natureza da pesquisa, bem como os métodos e procedimentos de coleta de dados e as formas de analisá-los, para tornar possível o desenvolvimento desta pesquisa.
4	Resultados e Discussões	São apresentados os resultados obtidos na pesquisa de campo com as entrevistas ao agente da EMATER e aos produtores locais, dialogando-os com a revisão de literatura, discutindo tais resultados e ao final apresentam-se algumas sugestões, com a finalidade de contribuir para o aperfeiçoamento dos trabalhos desenvolvidos pelos produtores.
5	Considerações Finais	É o fechamento deste trabalho, onde retoma-se a problemática do escoamento da produção e os objetivos pretendidos com a pesquisa, discute-se sobre as limitações da presente pesquisa e apontam-se sugestões para futuros trabalhos direcionados ao escoamento da produção olerícola em Presidente Lucena.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

O próximo capítulo apresenta a revisão de literatura, em que se discutem as questões pertinentes ao tema de pesquisa, que envolvem o escoamento da produção agrícola, relacionando-os com o caso em evidência nesta pesquisa, a olericultura praticada em Presidente Lucena.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo, apresentam-se as principais contribuições encontradas na literatura, que tratam de assuntos relacionados ao tema do escoamento da produção agrícola em diversos contextos, as quais serviram como base para nortear a identificação e discussões sobre assuntos importantes para a presente pesquisa. A revisão literária complementa e embasa a pesquisa, contribui com seu desenvolvimento e organização, subsidiando e promovendo a discussão entre os assuntos que os diversos autores apontam sobre o escoamento da produção e a realidade do escoamento da produção olerícola estudada. Além disso, a revisão de literatura serve para verificar a disponibilidade de materiais já elaborados acerca do escoamento da produção agrícola (estado da arte), que subsidiaram o tema de pesquisa. Tem-se assim, condições de relatar as diversas realidades encontradas no mundo e de direcionar a pesquisa através dos conhecimentos relatados nos trabalhos dos autores selecionados.

O presente capítulo está dividido em três seções. Na primeira, discute-se as questões relacionadas à logística na agricultura, sua capacidade de ajustar os fluxos de produtos e informações, a importância de se ter rodovias em boas condições, a utilização de rotas e meios de transporte viáveis para o escoamento da produção, pois se verifica que o transporte onera consideravelmente o setor agrícola. Em seguida, o item 2.2 faz uma apresentação das características gerais da produção de hortaliças, que tipo de plantas elas são, como podem ser produzidas (técnicas de produção), sua importância para os produtores e para a alimentação humana. Por fim, a terceira e última seção deste capítulo apresenta algumas estratégias para a agricultura familiar no que tange à comercialização de seus produtos para a melhoria das condições socioeconômicas dos produtores e de preços aos consumidores.

### 2.1 LOGÍSTICA NA AGRICULTURA: A QUESTÃO DO ESCOAMENTO DA PRODUÇÃO

Esta seção apresenta alguns conceitos e discute sobre a importância da logística e os processos que a integram, para o escoamento da produção rural. O transporte é apresentado como o maior vilão no escoamento da produção, por absorver a maior parcela dos custos despendidos, necessitando de atenção e planejamento para não haver desperdícios, queda de qualidade dos produtos e para baixar os custos de produção. Esta discussão é importante para o presente estudo, pois nos revela a forte influência que as questões relacionadas à logística têm no planejamento, execução e controle da movimentação de produtos, nos fluxos de

informações e também a influência que as condições de transporte exercem no escoamento da produção agrícola.

A logística está inserida em todos os processos que integram os fluxos de relações e o deslocamento de produtos na produção e no escoamento agrícola. Bolivar Pêgo (2016, p.7) estabelece-a como a “otimização de processos, baseada em um fluxo eficiente e permanente de matérias-primas, informações e produtos no tempo certo, local adequado e ao menor custo”. Cada local tem suas especificidades, sendo necessário o estudo de soluções para um melhor desempenho, pois:

[...] a logística envolve edificações, instalações, meios de transporte e infraestrutura para a movimentação do estoque. Trata-se, assim, de uma atividade complexa que, ao combinar a dimensão econômica com o território, insere-se no âmbito mais amplo da política pública voltada para a boa gestão do território [...] (RIBEIRO, 2010, p. 2).

A logística empregada no escoamento da produção cumpre papel protagonista na definição do poder socioeconômico e conseqüentemente no modo de vida que levam as famílias rurais no município e por todo país. “Pode ser definida como o planejamento e operação de sistemas físicos, de gerenciamento e de informação necessários para permitir que insumos e produtos vençam condicionantes espaciais e temporais de forma econômica”. (DASKIN, 1985<sup>2</sup> *apud* AZEVEDO, 2014, p. 13).

Quando não há planejamento no emprego logístico ou este não está adequadamente adaptado à realidade dos produtores rurais, a rentabilidade ficará comprometida. A eficiência da logística empregada é de extrema importância para as relações entre os integrantes de uma cadeia produtiva, pois auxilia na escolha de parcerias adequadas e facilita os processos de adaptação dos fluxos e alinhamento de objetivos. (ALCÂNTARA, 1997).

Notarjacom (2013) afirma que a forte concorrência entre as empresas é um dos fatores que às pressionam a aperfeiçoar a logística de escoamento, visando baixar custos e obter preços mais baratos para manterem-se competitivas no mercado. Diminuir os custos e eliminar gastos desnecessários através de estratégias mitigadoras e realistas, que sirvam de instrumento para a alavancagem dos resultados, são assuntos rotineiramente tratados em uma UPA. O lucro resultante das atividades desempenhadas é esperado ansiosamente por quem trabalha em qualquer empreendimento, sem ele, não há condições de continuar produzindo e muito menos competir por espaço no mercado.

Esses aspectos tornam-se essenciais para as discussões sobre o emprego da logística no escoamento da produção agrícola, onde através da redução dos custos e de ajustes

---

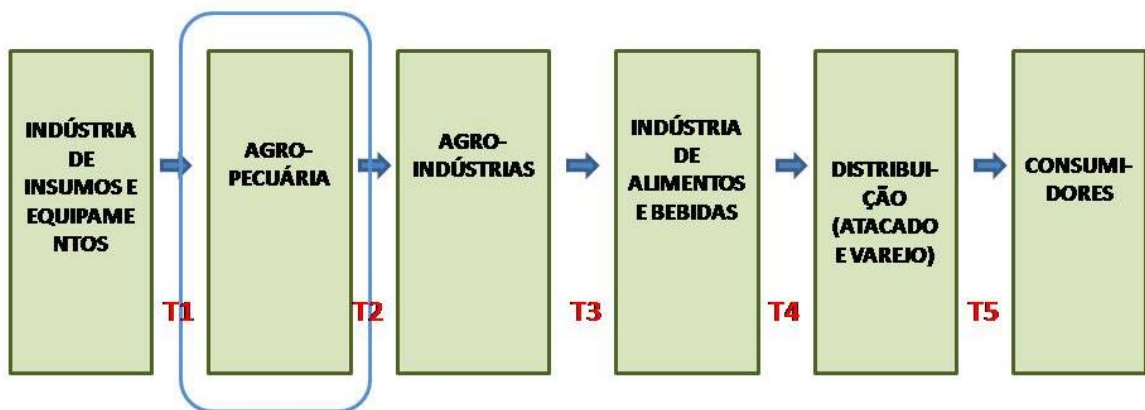
<sup>2</sup> DASKIN, M. S. Logistics: an overview of the state of the art and perspectives on future research. **Transportation Research**, v.19, n5-6, pp. 383-393, 1985.

estratégicos neste momento tão importante, os produtores e toda a cadeia produtiva podem se fortalecer economicamente e tornar seus produtos mais competitivos no mercado em que estão inseridos.

É importante destacar a relação existente entre os produtores e os demais elos de uma cadeia produtiva ao discutir a importância e o papel da logística quando relacionada ao escoamento da produção. As consequências das relações entre os agentes e organizações (elos) que as compõem e o papel da logística para melhorar sua eficiência e competitividade no mercado é uma discussão de suma importância para a identificação das possibilidades de aumentar a competitividade das cadeias produtivas, através do alinhamento de estratégias e do emprego da logística adequada.

Conforme Miele, Schultz e Waquil (2011), para caracterizar uma cadeia produtiva é necessário descrever a gama de produtos ofertados aos consumidores, os segmentos envolvidos, as transações entre estes, o ambiente institucional e as organizações envolvidas, bem como as delimitações geográficas, buscando identificar diferenças entre as regiões e em qual período de tempo acontece. A Figura 1 a seguir, sintetiza os segmentos e transações de uma cadeia produtiva, evidenciando o elo no qual pertencem os produtores olerícolas de Presidente Lucena, demonstrando a gama de relacionamentos necessários para desempenhar suas atividades.

Figura 1 – Configuração de uma cadeia produtiva



Fonte: Elaborado pelo autor (2017), com base em Miele, Schultz e Waquil (2011).

Para Alcântara (1997), um canal de distribuição pode ser constituído por um grupo de empresas diferentes que devem agir em sincronia para que seus produtos sejam valorizados e consumidos, ou de forma direta entre produtor e consumidor. Salienta, ainda, que os conflitos devem ser rapidamente resolvidos para não comprometer a harmonia entre os integrantes.

Conforme Amaral (2014, p. 34) “a falta de infraestrutura logística é uma ameaça à competitividade do agronegócio brasileiro, carecendo de alterações estruturais para atingir um

patamar adequado e sustentável”. A autora analisa que é preciso melhorar o planejamento das políticas de transporte em todo país, para então agregar mais eficiência no escoamento da produção agrícola e baixar os custos despendidos em logística.

Segundo Fleury, Figueiredo e Wanke (2010<sup>3</sup> *apud* NOTARJACOMO, 2013) os custos com logística podem chegar a representar 12% dos custos totais de produção e o transporte geralmente absorve dois terços destes custos. Desta forma, a logística de transporte se torna um importante instrumento de redução de custos e de competitividade. A redução de custos é primordial para as famílias rurais, tendo em vista que os valores economizados podem ser empregados em diversas situações, como investimentos para melhorar a produção e para o bem-estar da família.

Diante dessa constatação notou-se a necessidade de refletir sobre o envolvimento e as condicionantes do transporte para o escoamento da produção agrícola, dialogando com a realidade dos produtores olerícolas de Presidente Lucena. A subseção seguinte apresenta esta reflexão.

### **2.1.1 Logística de transporte**

A qualidade do transporte envolvido no escoamento da produção reflete diretamente na qualidade do produto que chega até o consumidor e na lucratividade do produtor. De acordo com Azevedo (2014, p. 14), “sabe-se que o transporte precário dos produtos entre as unidades produtoras e seu destino representa enorme prejuízo para o país”.

Na produção de hortaliças, o transporte inadequado pode representar riscos à qualidade de consumo do produto, pois muitos destes produtos degradam em pouco tempo e precisam de cuidados diferenciados para prolongar seu tempo de vida útil e evitar prejuízos decorrentes de um transporte mal executado. A precariedade das rodovias brasileiras é um fator prejudicial ao transporte da produção agrícola, sendo necessário planejamento e investimento em melhorias efetivas. Correa e Ramos (2010) chamam a atenção para o abandono do estado na manutenção, revitalização e pavimentação das rodovias brasileiras, acarretando em maiores custos de transporte para o escoamento da produção. Para eles, as Parcerias Público-Privadas (PPP) podem reverter este quadro, diminuindo os custos e melhorando o próprio transporte por vias rodoviárias em termos de tempo e qualidade.

Azevedo (2014) comenta que os altos custos despendidos com transporte da produção reduzem significativamente o lucro dos produtores rurais de Mato Grosso, causando-lhes

---

<sup>3</sup> FLEURY, P. F; FIGUEREDO, K. F; WANKE, P. **Logística e gerenciamento da cadeia de suprimentos: Planejamento do fluxo de produtos e dos recursos**. São Paulo: Atlas, 2003.

prejuízos socioeconômicos. Afirma ainda que as questões relacionadas ao transporte da produção agrícola são de grande importância para os produtores rurais e para a economia, sendo necessárias estratégias coerentes e assertivas. De acordo com Correa e Ramos (2010, p. 454) [...] “os trajetos em piores condições de conservação demandam mais combustível, sendo 63% menos eficientes energeticamente que aqueles realizados em vias conservadas”.

Em tais condições o setor de transporte se torna atualmente o que mais representa custos para a agricultura e para a economia em geral, acarretando em prejuízos à eficiência produtiva. Sendo assim, é necessário descobrir as rodovias utilizadas nas rotas de escoamento da produção olerícola de Presidente Lucena e em que condições se encontram, se estão agregando ou não maiores custos de transporte para os envolvidos.

Conforme Castro (2002), via de regra, quanto maior a disponibilidade de transporte em termos de confiabilidade, frequência, etc., menores são as necessidades de recursos de armazenagem, mão de obra e outros fatores de produção. Nesse sentido, a disponibilidade de transporte para o escoamento é um fator representativo no emprego da logística. Na falta deste, os produtores olerícolas necessitam empregar recursos em armazenagem (câmaras frias, por exemplo) para preservar seus produtos em condições de consumo por mais tempo.

A escolha da localização geográfica de uma unidade de produção agrícola interfere diretamente nos custos do transporte necessário para escoar a produção e estes afetam diretamente na produtividade agrícola (CASTRO, 2002). No entanto, nem sempre é possível escolher a localização que se deseja ter uma UPA, principalmente para pequenos produtores que em sua maioria tem poder econômico reduzido e detém suas terras por meio de herança.

Há de se destacar que a localização geográfica do município de Presidente Lucena favorece o escoamento da produção olerícola local. Está situado entre o Vale do Rio dos Sinos e a Serra, pertencendo ao COREDE Paranhana, à 65km de Porto Alegre, capital do estado e um dos principais destinos da produção local. Correa e Ramos (2010) destacam que dependendo das características do produto, do local de origem e de destino, o transporte rodoviário pode ser o mais adequado, e devido sua flexibilidade e alcance de áreas que outros modais como o hidroviário e o ferroviário não conseguem chegar, ele vem sendo o preferido mesmo sendo o mais caro. Afirmam, que [...] “a consolidação do padrão rodoviário de transportes no país apresenta não somente um viés econômico, mas, principalmente, cultural”.

A subseção seguinte apresenta alguns estudos empíricos que discutem a relevância das condições logísticas e de transporte para o escoamento da produção.



### 2.1.2 Logística, escoamento da produção e transporte: estudos empíricos

Apresentam-se, nesta subseção, três estudos empíricos relacionados com o escoamento da produção. O primeiro relata a relevância das condições das rodovias para o transporte por modal rodoviário em Mato Grosso do Sul. No segundo, a terceirização do transporte é apontada como uma tendência e solução viável para os empresários do país. No terceiro trabalho fica evidenciada a necessidade de estudos e estratégias de utilização de modais adequados para o escoamento.

Rech, Moraes e Casaroto (2016) objetivaram realizar uma análise documental das condições logísticas das rodovias federais no estado do Mato Grosso do Sul (MS), comparando-as com as do estado de Mato Grosso (MT), o qual é o maior produtor de soja do Brasil. Os autores dividiram a metodologia para a execução do trabalho em quatro etapas. Na primeira elaboraram uma análise documental baseada em dados oficiais coletados nas principais organizações do país (CNT, MT, ANTT, IBGE e PNLT). A segunda etapa metodológica foi a de elaboração de tabelas para a devida comparação entre as situações das rodovias federais nos estados-alvo. Na terceira fase confrontaram esses dados com outros dados obtidos de forma secundária (estudos de diversos autores e o relatório mensal de julho de 2015 da ANTT) para então obter informações realistas sobre o assunto abordado. A quarta e última etapa consistiu na apresentação da análise dos dados, elaborada com base em cinco categorias de análise: a) identificação das rodovias, b) investimentos, c) geometria, d) pavimentação, e e) sinalização.

Através disso, concluíram que a maioria das rodovias em ambos os estados estão apenas em condições regulares, sendo poucas em estado bom ou ótimo. Mato Grosso possui maior abrangência territorial e mais malha rodoviária em estado bom que MS, predominando as pistas simples de duplo sentido. Afirmam que, por serem dependentes deste modal para o escoamento de grãos, as rodovias destes estados deveriam estar em perfeitas condições. A sinalização das vias foi considerada desgastada, mas as placas existentes estão visíveis e legíveis, em MS a sinalização está um pouco melhor que em MT. Apontam ainda que os investimentos previstos para o melhoramento (revitalização e duplicação) da malha rodoviária nestes estados não serão suficientes, mas certamente contribuirão para melhorar o escoamento de grãos no país, MT está em vantagem, pois receberá maiores valores e obras mais significativas que MS. Ao final, comentam que o estudo pode ser limitado pela dependência de dados publicados, e sugerem que outros estados com potencial produtivo necessitam de pesquisas sobre as situações de suas rodovias.

Teixeira e Diana (2013) buscaram conhecer como a terceirização de uma frota de veículos leves para transporte influencia em duas empresas no município de Lins/São Paulo, com o objetivo de verificar quais os pontos positivos e negativos operacional e financeiramente da terceirização para as empresas analisadas. Para os autores a logística tem o potencial de proporcionar competitividade, reduzir custos e atender as expectativas dos clientes e dos acionistas. O setor de transporte é considerado o mais importante para as estratégias de emprego logístico, contribuindo na redução de custos, otimização do tempo e utilidade, proporcionando rentabilidade. Em termos metodológicos, os autores, primeiramente realizaram uma pesquisa bibliográfica para conhecer aspectos relevantes da terceirização, a saber, (terceirização de frotas de veículos, processos decisórios, seleção dos prestadores de serviço, vantagens, terceirização de frotas no setor público), e após, para obter dados da realidade, aplicaram questionários em duas empresas (uma pública e outra do ramo educacional) que terceirizaram suas frotas de veículos leves no intuito de melhorar suas atividades e serviços ao cliente.

Ao analisarem e confrontarem os dados obtidos, os autores perceberam que a terceirização vem se tornando uma tendência forte, pois ambas as empresas estão satisfeitas com os serviços contratados, estão obtendo vantagens com a redução de custos (na aquisição, pagamento de impostos, manutenção, seguro, danos nos veículos, etc.), redução da necessidade de contratação de pessoal, os serviços prestado são eficientes e ainda estas empresas conseguem ter mais tempo e pessoal disponível focado na atividade fim. Os veículos contratados geralmente encontram-se em melhores condições de uso que os de propriedade, passando assim, segurança aos usuários, pois a empresa contratada está focada apenas numa atividade. As empresas contratantes ainda têm redução de custos administrativos por deixar de ter trabalho com compra, manutenção, reparo, etc., de veículos.

Os autores consideram que o Brasil está direcionado a um “caminho sem volta” para a terceirização em diversas áreas de serviços, atualmente os serviços básicos são os mais terceirizados por estarem ligados com a produção, porém as maiores oportunidades de crescimento estão nos serviços mais sofisticados por demandarem maiores investimentos. A redução de custos é dada como o principal motivo e a possibilidade de maior tempo focado no objetivo vem logo em seguida. Afirmam ainda, que o foco da terceirização não pode ser meramente econômico, para não comprometer a qualidade da prestação do serviço no futuro. Acreditam que em pouco tempo a concorrência entre as empresas fortalecerá o setor de terceirização, alguns problemas de confiança e contratuais serão minimizados e a logística brasileira ficara fortalecida com esta prática. Por fim, sugerem novos estudos sobre a

avaliação da terceirização em outras modalidades, como veículos pesados, equipamentos, outros tipos de transporte, tecnologia da informação e outros serviços.

Salgado Júnior et al. (2011) estudaram a logística do escoamento para a produção pecuária do sul do estado do Pará com o objetivo de analisar alternativas modais para o escoamento da carne bovina de corte destinada à exportação, naquela região. Destacam que há uma tendência para investimentos na pecuária bovina de corte no sul do Pará e que este setor produtivo vem contribuindo significativamente para o aumento do PIB nesse estado.

Os autores pontuam que a logística cumpre papel fundamental nas conquistas das metas planejadas, que o transporte deve ser visto como parte integrante dos meios de produção devido sua importância. No setor de produção primário, por se tratar de produtos com baixo valor agregado, os custos com transporte afetam ainda mais e merecem muita atenção. Os modais escolhidos para escoar a produção têm influência direta na qualidade dos produtos, nos custos e no tempo de transporte.

Para isso elaboraram uma pesquisa com fins exploratórios e descritivos, através de uma abordagem qualitativa, buscando entender a situação e propor um modal adequado ao escoamento da carne da região. Basearam-se em uma análise documental para a obtenção de dados, onde coletaram informações secundárias de *websites* especializados como o do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Secretaria de Estado de Defesa Social (SEDS), relatórios institucionais, em anuários e outros estudos.

Os autores concluem que, mesmo as rodovias não estando em boas condições no estado e nas rotas possíveis para a região sul até o porto de Vila do Conde (considerado o mais adequado/melhor estruturado), este modal é a solução mais viável em curto prazo para o escoamento da carne bovina destinada à exportação no Pará. O modal ferroviário é considerado uma solução viável em longo prazo por representar custos de frete mais vantajosos, porém carece de investimentos de ampliação para alcançar a região de análise e acessos para transbordo de carga. Afirmam que tais investimentos são pouco prováveis de ocorrer por questões de acesso, orçamentárias e ambientais, mas vão determinar a viabilidade deste modal para o transporte de carne e de outros produtos no futuro. Ainda, a malha rodoviária existente está privatizada e a serviço da empresa Vale, a qual destina-se a mineração e cobra fretes altos, sendo que, se houver negociação e a empresa baixar os preços, esta rota ferroviária pode se tornar viável.

Outra opção disponível aos pecuaristas do sudeste do Pará, é o modal hidroviário, no entanto necessita do término das eclusas para transposição na barragem de Tucuruí, a qual era uma limitante até o momento da pesquisa, o rio Araguaia é outra opção, mas limitado as

épocas de cheia. Este modal é considerado inviável para o escoamento da carne no momento da pesquisa, mas com investimentos pode se tornar uma opção importante para o escoamento da produção no estado.

Cabe destacar que os autores consideram a eficiência no emprego da logística um ponto chave e de extrema importância para todos os segmentos da cadeia produtiva, pois a redução de custos acaba beneficiando todos os envolvidos e ocasionando vantagem competitiva.

Diante do exposto, percebe-se a relevância da logística de transporte para o escoamento da produção agrícola, sendo a redução de custos o principal limitador da lucratividade e potencial competitivo para as cadeias produtivas, porém outros fatores como tempo, distância, condições das rotas e estrutura dos modais utilizados, segurança no tráfego, qualidade, etc., são determinantes para o alcance dos objetivos.

## 2.2 PRODUÇÃO DE HORTALIÇAS: CARACTERÍSTICAS GERAIS

Neste item apresentam-se as especificidades das hortaliças, sua importância para a alimentação humana, formas e técnicas de cultivo, bem como suas peculiaridades para transporte. Conhecer as características dos produtos que são tratados neste trabalho se torna relevante para o entendimento sobre a importância que eles têm na alimentação dos seres humanos, para quem os produzem e para estudar as condições de escoamento destes produtos em específico.

Conforme a Resolução nº 12 de Julho de 1978 (BRASIL, 1978) a hortaliça é classificada como uma planta herbácea, da qual são utilizadas uma ou mais partes de sua estrutura como alimento em sua forma natural. De acordo com a parte da planta a ser utilizada para a alimentação, estas plantas podem ser classificadas em três classes diferentes: as verduras, quando são utilizadas as partes verdes; os legumes, quando for utilizado o fruto ou a semente, especialmente das leguminosas; e raízes, tubérculos e rizomas, quando são utilizadas as partes subterrâneas das plantas.

Segundo a EMATER (2017) o ramo de produção de olerícolas é o que mais oferece espécies alimentares para os seres humanos e pode ser considerado instrumento de inclusão social, pois nessa atividade concentram-se os maiores índices de pequenas propriedades. Para Matos et al. (2011, p.5) “a produção de hortaliças é a atividade que mais se identifica como opção de agronegócio para os produtores rurais familiares”. O autor afirma que o produtor rural deve basear-se nos fatores de produção (clima, solo, infraestrutura, etc.) e de mercado

(distância do consumidor, sua área territorial, canais de comercialização, etc.) para escolher o tipo de cultivo mais adequado a sua realidade, para obter sucesso.

Desta forma, percebe-se a importância do conhecimento que o produtor detém para o sucesso em suas estratégias de produção. Investindo num produto inviável ou não adaptável aos fatores de produção e de mercado disponíveis em sua propriedade e entorno, pode amargar um declínio socioeconômico. Ainda conforme o autor, existem distintas formas de cultivar hortaliças, dentre elas, o plantio convencional, que pode ser desenvolvido o ano todo por ser praticado em canteiros a campo aberto e com irrigação, porém necessita de maior emprego de mão de obra, água e energia, pois a incidência de pragas é grande por estar em ambiente aberto. A utilização de lona sobre os canteiros e irrigação por gotejamento auxiliam na redução de custos com água e energia, bem como na mão de obra, pois reduz a necessidade de capina, mas na época de seca as plantas acabam sofrendo mais e necessitam de cuidados. Nas plantações em túneis (cobertura de arcos de ferro com lona de aproximadamente 3,2m de largura e 50m de comprimento sobre os canteiros) é possível proteger as plantas das fortes chuvas, colher fora de época, obter melhores preços, aumentar a produtividade, acelerar o crescimento das plantas, melhorar a qualidade e reduzir o uso de agrotóxicos.

De acordo com Azevedo (2014, p.13) “[...] os produtos agrícolas são, em sua maioria, perecíveis, sendo suscetíveis à perda de qualidade com o passar do tempo [...]”. Nesse sentido, são necessárias técnicas de manejo eficientes, embalagens e transporte adequados para que não se tenha prejuízos na qualidade dos alimentos.

A contaminação microbiana ou contaminação cruzada de produtos hortifrutícolas durante as atividades de pré-colheita e colheita pode ser o resultado de contatos do produto com o solo, fertilizantes, água, trabalhadores e equipamentos de colheita. (SPOTO, 2014).

“O transporte adequado dos produtos hortifrutícolas para o mercado é fundamental na manutenção da qualidade e redução do potencial de contaminação microbiana”. (SPOTO, 2014, p.48). Pois são produtos que normalmente não sofrem processamento ou são apenas minimamente processados para o consumo humano. Este autor aponta alguns cuidados e medidas essenciais para a embalagem e transporte de produtos hortifrutícolas:

Veículos refrigerados sempre que possível, ou; Cobrir o veículo com lona, cor clara, com espaço livre para ventilação; Não permitir o contato do fundo de uma caixa com os frutos da caixa debaixo no empilhamento; Fazer o transporte pela manhã ou à tarde; Encurtar o tempo de transporte; Não colocar o produto no interior do veículo quando ambos estiverem com temperaturas elevadas. (SPOTO, 2017, p. 20).

Devido à alta perecibilidade em temperatura ambiente inerente as hortaliças, é essencial que os produtores rurais atentem para os cuidados especiais de manejo e encontrem

canais de comercialização onde a logística e o transporte empregados sejam menos onerosos, rápidos e adequados as suas realidades. Proporcionando ou garantindo assim, a preservação da qualidade de seus produtos, para então, manter e conquistar espaço no mercado consumidor em que se encontram inseridos.

Segundo Tanaca, Bonfim e Filho (2010), devido às novas exigências do mercado consumidor e a mudança dos hábitos alimentares, o setor de produção de alimentos necessita se adaptar a estas novas demandas, atentando para o problema da perecibilidade e perda de qualidade. “Neste contexto, as hortaliças estão apresentando crescimento na produção e consumo, o que resulta na necessidade de um melhor arranjo organizacional entre os fornecedores e o varejo”. (TANACA, BONFIM e FILHO, 2010, p.1).

Da forma como vem sendo exercido o escoamento da produção local, alguns produtos podem estar percorrendo um longo trajeto, que pode estar gerando mais custos aos consumidores, mais trabalho aos produtores, maiores gastos na logística e transporte, inclusive pode estar comprometendo a qualidade dos produtos para o consumo. Verificar estas condições é extremamente importante para o bom andamento do setor olerícola local, pois a qualidade do produto e a satisfação do consumidor são essenciais para o sucesso desta cadeia produtiva.

### 2.3 ESTRATÉGIAS NA AGRICULTURA FAMILIAR: COMERCIALIZAÇÃO

Esta última seção do capítulo de revisão de literatura está estruturada de forma diferenciada das demais. São apresentados os apontamentos que os autores fazem sobre estratégias de organização para melhorar os rendimentos através da comercialização, com o escoamento mais adequado de suas produções.

O encurtamento do canal de comercialização, busca por mercados regionais, a escolha de parceiros de negócio confiáveis, criação de associações e cooperativas, valorização da cultura local e produções ambientalmente sustentáveis são apresentados como opções viáveis aos produtores familiares.

Levando em consideração, que é através do escoamento que todo o trabalho de produção agrícola é recompensado, as relações e as escolhas dos produtores locais podem trazer melhores ou piores condições de vida para suas famílias. É necessário buscar alternativas viáveis para o escoamento da produção de hortigranjeiros, em especial dos pequenos produtores, que via de regra, são os mais debilitados, econômica e socialmente.

Em um estudo de caso sobre uma grande rede varejista brasileira situada em São Paulo, Tanaca, Bonfim e Filho (2010) buscaram entender os arranjos institucionais provocados pela mudança de estratégias desta empresa, para os fornecedores. A metodologia aplicada foi uma revisão bibliográfica para referencial teórico e a aplicação de questionários semiestruturados para os fornecedores e intermediários.

Perceberam que trabalhar com frutas, legumes e verduras (FLV) não é tão fácil assim. A concorrência e o consumo passam por mudanças constantes. Isso fez com que a empresa mudasse sua estratégia de compra, deixando de adquirir no atacado para comprar diretamente de produtores. As exigências de escala, regularidade e preço acabaram excluindo os pequenos produtores da relação comercial com a grande rede varejista, que absorvia suas produções de FLV. No entanto alguns destes pequenos produtores se organizaram e estruturaram suas produções para atender as exigências estabelecidas e voltaram a escoar seus produtos via empresa, obtendo maiores lucros.

Conforme Fonseca, Neto e Silva (2010) a escolha dos parceiros é essencial para a criação de redes de distribuição, viabilizando assim, os fluxos de produtos e relações de negociações, atentando para a eliminação de desperdícios, criação de um sistema de informação eficiente entre eles, redução de incertezas através da confiança, ao potencial econômico dos produtores e as demandas do mercado e variações.

Segundo Schmitt (2011), é preciso refletir sobre as relações das iniciativas locais e as transformações que afetam os sistemas agroalimentares, no sentido de buscar melhorias para o futuro. Pois o modelo de produção agrícola, difundido depois da segunda guerra mundial demonstra distanciamento de aspectos ecológicos, sociais e culturais. “Iniciativas de produção e comercialização, muitas vezes negligenciadas e vistas como soluções de pequena escala, ganharam visibilidade em diferentes países a partir dos anos 1990”. (SCHMITT, 2011, p.4).

Começar com ações cooperativas locais, parece ser uma alternativa interessante para os agricultores familiares de Presidente Lucena, pois são estes que sustentam a base e o desenvolvimento do meio rural municipal. Conforme a autora, já se percebe mudanças nas formas de comercialização em países desenvolvidos como os Estados Unidos. Existem produtores interessados em processar os produtos que cultivam, e os venderem diretamente ao consumidor e em feiras. O que vem gerando significativo aumento do valor comercializado com vendas diretas de produtos agrícolas no país, passando de U\$ 551 milhões em 1997 para U\$ 1,2 bilhões em 2007 e as feiras também aumentaram de 1994 para 2009, passando de 1.755 para 5.274 feiras. Afirma ainda, que os mercados influenciam e são instrumentos importantes para o futuro das formas de produção e consumo de alimentos, é importante

também que ocorram mudanças nas forças de mercado, com relações mais igualitárias e sustentáveis. Nesse sentido constata-se que os canais curtos de comercialização favorecem o estabelecimento de relações diferenciadas entre consumidores e produtores.

De acordo com Darolt et al. (2016), as redes alternativas surgem em contraponto ao sistema industrial com muitos intermediários e homogêneos, propõem relações mais próximas entre produtor e consumidor, onde este último obtém informações de onde, quem e como foi produzido o produto que está adquirindo. Contribuem também para a noção de autonomia, onde ambos participam na construção de novos sistemas de produção, troca e consumo, modificando as relações de poder nos sistemas alimentares. Envolvendo não somente a quantidade de participantes ou a distância, mas também os “parâmetros organizativos das relações entre produtores e consumidores, fatores culturais transmitidos pela confiança, pela valorização do mercado local e pelo produto agroecológico” se somam para fortalecer a agricultura familiar por meio dos canais curtos de comercialização. (DAROLT et al. 2016, p.7).

Os estudos realizados por estes autores revelam ainda, que os circuitos curtos de comercialização trazem algumas vantagens. Como uma “remuneração mais correta ao produtor, preços mais justos ao consumidor, incentivo à produção local e a transição para sistemas mais sustentáveis”, reduzindo riscos de danos ambientais pela redução de embalagens plásticas e por gastar menos energia com transporte. (DAROLT et al. 2016, p.9).

Percebe-se que as relações dos canais curtos de comercialização com a produção de base ecológica vão além do lado econômico, expressam relações sociais de confiabilidade entre os envolvidos, fortalecem os laços culturais locais, fazem emergir potencialidades e políticas públicas de incentivos à atividade e ainda o estabelecimento de uma cadeia produtiva sustentável do ponto de vista ambiental. Os produtores olerícolas de Presidente Lucena, em sua maioria, parecem estar desconectados destas iniciativas que vem promovendo significativas melhorias à produtores e consumidores, principalmente para a agricultura familiar, em vários países.

Para uma mudança efetiva, Darolt et al. (2016) destacam que é necessária uma mudança educacional não somente do lado produtivo, mas também dos consumidores, por hábitos alimentares mais saudáveis e o respeito da sazonalidade de oferta dos produtos hoje ignorada pelo sistema industrial.

Sepulcri e Trento (2010, p.7) afirmam que “o acesso ao mercado e à comercialização dos produtos da Agricultura Familiar (AF) constitui um dos principais gargalos dessa categoria de produtores”. Sendo assim, o canal de comercialização da produção é de vital



importância para os pequenos horticultores de Presidente Lucena, pois é de onde estas famílias rurais podem obter melhores condições de vida.

Comentam que o agricultor familiar dificilmente consegue ter poder nas relações de comercialização agindo individualmente, pela baixa produtividade, complexidade e as dinâmicas que envolvem as cadeias produtivas. Estes mesmos autores sugerem a criação de redes, de cooperativas e mercados locais como estratégias de comercialização dos produtos oriundos da agricultura familiar. Bem como a necessidade de sair da informalidade para efetuar contratos, parcerias, alianças, entre outros instrumentos que os fortaleçam.

A união dos produtores para realização de feiras, criação de centros de comercialização, cooperativas locais, supermercados locais, mercearias e assemelhados e circuitos locais de turismo rural, são alternativas sustentáveis aos pequenos produtores que buscam melhorias em suas relações de comercialização, e que podem modificar todo o processo de produção em suas propriedades.

A diferenciação nos produtos, serviços, canais de distribuição, imagem, marketing, atendimento personalizado, atributos socioambientais, entre outros, são estratégias para agregar valor e atingir nichos específicos de mercado. Entre estes, um produto orgânico, entrega rápida, embalagem moderna e que preserve a qualidade e aparência, podem agregar valor a determinado grupo de consumidores de hortaliças, fortalecendo a produção local.

Destacam ainda a importância da segmentação de mercados para a comercialização. “Cada região tem necessidades diferentes e os agricultores ou comerciantes precisam estar atentos aos anseios de seus clientes, para direcionar o produto certo ao público certo”. (SEPULCRI e TRENTO, 2010, p.15).

De acordo com Alcântara (1997), uma aliança estratégica se dá quando empresas voluntariamente se unem e se modificam constantemente para aumentar a competitividade do canal. Comenta ainda que o reconhecimento de cooperação não reside apenas na necessidade, mas também como uma forma eficaz de atuar perante as incertezas e modificações do mercado, reduzir custos e riscos externos.

Para a autora, as relações podem ser fortalecidas com a aproximação entre os agentes para troca de informações e conhecimentos a fim de aprimorar possíveis fraquezas, gerar credibilidade e confiança, alinhar estratégias e o reconhecimento da interdependência entre eles, passando de um relacionamento meramente comercial para o multifuncional.

A integração de pequenos produtores com as grandes redes varejistas pode ser vantajosa para ambos os lados segundo a autora, principalmente quando os produtores têm apoio técnico, logístico e administrativo da grande empresa e quando buscam alianças e

parcerias entre si para melhorar sua eficiência produtiva, disponibilizando produtos de qualidade em quantidade e frequência desejada.

No caso em estudo, o setor varejista aparentemente vem comandando os arranjos entre os elos do canal de distribuição, tendo os atravessadores e produtores que se adaptarem aos seus objetivos para não serem dispensáveis e substituídos por outros fornecedores, o que pode estar fortalecendo ou não estes integrantes (o setor de produção) desta cadeia produtiva olerícola. Depende da forma como estão encarando as exigências do setor varejista.

Sendo assim, as relações ou arranjos entre os integrantes de um canal de distribuição direcionam a cadeia produtiva para o sucesso ou insucesso, devendo todos, se comprometerem, prezar e se moldar para o bom funcionamento e desempenho da mesma, aceitando suas condições e papéis dentro da cadeia produtiva. Todos têm importância, cada um ao seu nível, e nesse sentido, os produtores olerícolas precisam integrar-se com os demais componentes da cadeia produtiva para construir um canal de distribuição competitivo e eficiente através de alianças e parcerias cooperativas onde todos se beneficiam deste fortalecimento.

De acordo com Araújo (2006, p.17<sup>4</sup> *apud* NOTARJACOMO, 2013, p.20) “[...] o desenvolvimento regional não é somente resultado de fatores de produção, tais como capital e trabalho, mas também da infraestrutura. Melhorar a infraestrutura conduz a uma maior produtividade dos fatores de produção”.

De acordo com Miele, Schultz e Waquil (2011) há uma projeção de aumento do poder aquisitivo da população, que causará mudanças nos hábitos alimentares, diminuindo o consumo de cereais e aumentando o consumo de produtos naturais como as hortaliças, carnes, frutas, etc.

Isso pode gerar oportunidades enormes aos produtores olerícolas locais, tanto na manutenção da atividade, quanto no melhoramento da situação de vida. Com uma mudança nas preferências de consumo e com aumento da demanda, será necessário aumentar a produtividade ou então os preços de comercialização poderão subir pela escassez destes alimentos, ao ponto que, com o mesmo trabalho de hoje, suas condições financeiras também poderão ser muito mais satisfatórias pelo valor que poderá ser agregado aos seus produtos.

Assim como identificar problemas, é fundamental discutir potencialidades que possam auxiliar na melhoria e facilitar o escoamento da produção, bem como os caminhos para a integração e fortalecimento dos pequenos produtores hortigranjeiros de Presidente Lucena.

---

<sup>4</sup> ARAUJO, Margarete Panerai (Org.). **Construindo o social através da ação e da responsabilidade**. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2006.

Entende-se que os estudos apresentados são importantes para dar suporte referencial na construção do trabalho e têm pertinência real para a realização da pesquisa no contexto do município. O presente trabalho pretende utilizar-se destas referências como provação de sua relevância sobre o assunto e somar-se a estes para contribuir com a comunidade acadêmica na construção de conhecimento, informações e soluções sustentáveis para o ambiente rural.

No próximo capítulo, são apresentados e descritos os procedimentos metodológicos utilizados para a obtenção e análise dos dados necessários ao alcance dos objetivos da presente pesquisa.

### 3 METODOLOGIA

Neste capítulo, consta a descrição detalhada dos caminhos metodológicos seguidos para a realização do presente trabalho. A partir das referências consultadas, buscou-se analisar os principais problemas e discutir alternativas viáveis para as condições de escoamento da cadeia produtiva olerícola do município de Presidente Lucena. Em termos gerais, a pesquisa organizou-se em torno de quatro grandes etapas:

- i) revisão de literatura sobre o tema escolhido (escoamento da produção), que serviu para a formulação do problema de pesquisa e obtenção de dados secundários;
- ii) pesquisa de campo, organizada em duas partes: (1) a primeira constitui na aplicação de um formulário de pesquisa junto ao órgão da EMATER local, e (2) a segunda, por indicação deste órgão, da aplicação de formulários a oito produtores olerícolas do município;
- iii) análise qualitativa e quantitativa;
- iv) discussão dos resultados.

A primeira etapa de revisão de literatura está apresentada em forma de texto, no capítulo 2 deste trabalho. As seções seguintes mostram os procedimentos metodológicos utilizados para a construção da presente pesquisa. Tipo de pesquisa, unidades de análise, população e amostra, forma de coleta e análise dos dados e aspectos éticos.

Para isso, foi delimitado um público alvo de amostra, os quais foram convidados a responder os formulários de pesquisa<sup>5</sup> com perguntas fechadas e abertas, elaborado para buscar dados quantitativos e qualitativos, a fim de atingir os objetivos em questão. A seguir, são apresentados em seis seções, os procedimentos metodológicos utilizados na elaboração da pesquisa.

#### 3.1 TIPO DE PESQUISA

A presente pesquisa é do tipo exploratória, pois pretende analisar o caso do escoamento da produção olerícola, com dados reais, obtidos através dos relatos de quem trabalha e vive desta atividade, para então discutir sobre melhores condições a este setor produtivo e contribuir para a construção teórica sobre o assunto.

---

<sup>5</sup> Os formulários de pesquisa estão disponíveis nos anexos “A e B” deste TCC.

De acordo com as características descritas por Gerhardt e Silveira (2009), o foco desta pesquisa está predominantemente delimitado em uma abordagem quantitativa, a qual propõe que a realidade só pode ser entendida pela análise de dados brutos através da objetividade. No entanto, para melhor entendimento e aprofundamento da realidade local, alguns aspectos qualitativos foram somados para melhor compreender a abrangência de determinadas situações.

Os aspectos qualitativos refletem condições sociais através da análise bibliográfica e dos relatos obtidos, sobre infraestrutura disponível, logística empregada, condições de transporte e canais de comercialização/escoamento. As visões que cada um tem das condições que enfrentam e se deparam, as mudanças ou mesmo as soluções que vislumbram e, se assim desejam.

Os aspectos quantitativos incluem a apresentação do contexto e da realidade local, tal como se encontra atualmente, através das respostas obtidas na aplicação dos formulários de pesquisa, seja pelo ponto de vista que o agente da EMATER tem na execução de seu trabalho cotidiano junto aos produtores e dos próprios produtores em relação a suas situações de escoamento da produção olerícola.

Assim, esta pesquisa será de natureza aplicada, que segundo Gerhardt e Silveira (2009, p.35) “envolve verdades e interesses locais e objetiva-se a gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos”. Sendo isso, o que de fato se deseja atingir com as discussões apresentadas.

### 3.2 UNIDADES DE ANÁLISE

Como exposto anteriormente, a proposta deste estudo é analisar e discutir sobre as condições de escoamento da produção olerícola em Presidente Lucena, contribuindo com os estudos acadêmicos sobre o assunto. Assim, a estratégia para delimitar as unidades de análise girou entorno de duas partes: (1) inicialmente, com vistas a aprofundar a discussão sobre o escoamento da produção olerícola local, optou-se por validar informações sobre a região, junto a uma agência de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) do município. Após, dado o foco do estudo, e a partir das informações coletadas junto a EMATER, por indicação do agente entrevistado, (2) foram delimitados a quantia de oito produtores olerícolas a serem entrevistados, para a coleta de dados sobre a realidade dos produtores locais.

Devido à grande importância dos serviços de extensão rural desempenhados pela EMATER/ASCAR, a qual tem como missão promover o desenvolvimento rural sustentável,

com a visão de ser referência nos serviços de assistência técnica, extensão rural e social, classificação e certificação de produtos agropecuários e detém os valores éticos e de transparência nas relações, gestão democrática, compromisso com os resultados de trabalho, legalidade e moralidade, tem-se a necessidade de incluir este órgão como unidade de análise para esta pesquisa, por meio de seu único agente no município.

### 3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA

Esta pesquisa tem como delimitação espacial principal os produtores olerícolas do município de Presidente Lucena, no entanto, no que se refere ao consumo dos produtos, o alcance será maior, adentrando no Vale do Rio dos Sinos, Região Metropolitana e na Capital do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

O procedimento de pesquisa com *survey* apresentado por Gerhardt e Silveira (2009, p.39<sup>6</sup> baseadas em FONSECA, 2002, p. 33) se enquadra adequadamente neste estudo. Sendo delimitado um número de propriedades para a aplicação do formulário de pesquisa, as respostas e opiniões destes produtores foram consideradas verdades sobre a realidade local, sendo então considerados representantes da população-alvo da pesquisa – “os produtores olerícolas”.

A seleção, bem como a quantidade necessária de produtores a serem entrevistados, ficou a cargo do agente da EMATER/ASCAR. Devido a sua experiência com os produtores rurais locais, considera-se que o agente da EMATER/ASCAR, é um especialista adequado e habilitado a propor o conjunto de produtores que comporiam a segunda etapa da pesquisa de campo, que direciona o foco para a análise da realidade dos produtores de hortaliças de Presidente Lucena. Desta forma, foram indicados oito produtores como adequado para a realização do presente estudo<sup>7</sup>. A inclusão destes na amostra de pesquisa ocorreu por meio de convite, através do termo de consentimento informado, livre e esclarecido<sup>8</sup>.

Assim, como segunda unidade de análise foram incluídos os oito produtores olerícolas indicados pelo agente da EMATER, os quais, ao responderem o formulário/questionário de pesquisa, viabilizaram uma percepção das condições enfrentadas por eles no momento de escoarem seus produtos.

---

<sup>6</sup> FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

<sup>7</sup> Na seção 4.1 deste estudo, detalha-se e analisa-se a entrevista realizada com o agente da EMATER/ASCAR.

<sup>8</sup> Este termo está apresentado no Anexo “D” deste estudo.

### 3.4 COLETA DE DADOS

Para obtenção de informações relacionadas ao problema da pesquisa (logística, transporte e comercialização), os formulários apresentam-se como alternativas pertinentes, pois permitem que os produtores relatem suas condições de escoamento. Assim foi possível perceber as situações, trocar informações e conhecimentos para discutir conjuntamente sobre alternativas ou soluções viáveis para os possíveis problemas enfrentados por eles no escoamento da produção.

Para verificar a representatividade e a importância do setor rural para o município, as fontes de dados secundários, como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e FEEDADOS, foram de suma importância para mensurar tais aspectos. Permitindo, assim, uma breve comparação com o município vizinho e a constatação da relevância da produção rural em Presidente Lucena.

Foram produzidos dois formulários de pesquisa, o primeiro, direcionado ao agente da EMATER/ASCAR, para obter informações sobre o ponto de vista do agente quanto ao escoamento da produção olerícola de Presidente Lucena, com perguntas predominantemente abertas, onde o agente pode relatar as ações desenvolvidas pela EMATER local, a quantidade de propriedades existentes no município e as que produzem olerícolas, o alcance geográfico dos produtos locais, seu entendimento sobre a produção de hortaliças e as condições de escoamento da produção, sobre logística de transporte empregada e por fim, a indicação da unidade de análise para a pesquisa. O segundo formulário foi dividido em quatro blocos, sendo três com perguntas fechadas e um com perguntas abertas, com a finalidade de obter informações sobre as famílias e suas propriedades, as condições de transporte e comercialização enfrentadas pelos produtores ao escoarem seus produtos. Ambos foram aplicados entre Setembro e Outubro de 2017, conforme detalhado a seguir.

Para isso, o formulário de pesquisa destinado aos produtores (público-alvo) foi estruturado em quatro blocos de perguntas, como descrito anteriormente, os três primeiros com perguntas fechadas e um com perguntas abertas, conforme mostra o Quadro 2.

Quadro 2 – Estrutura do formulário de pesquisa aos produtores

Bloco	Tipo de pergunta	Finalidade do bloco
1	Fechadas	Averiguar as características das famílias e propriedades analisadas.
2	Fechadas	Coletar dados sobre a produção de olerícolas nas propriedades.
3	Fechadas	Identificar as condições da logística de transporte empregada para o escoamento da produção nas propriedades.
4	Abertas	Verificar o ponto de vista dos produtores quanto as condições de escoamento de suas produções, qualidade do transporte, relacionamento com os demais agentes envolvidos e possíveis desejos de mudança.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

O primeiro bloco foi organizado em onze perguntas, com vistas a obter informações sobre as características das famílias e propriedades, como tamanho da propriedade, forma de obtenção da terra, mão de obra e nível de mecanização utilizado. No segundo bloco, buscou-se identificar a produção olerícola nas propriedades, dados sobre os cinco produtos mais produzidos em cada propriedade e as técnicas de produção, com três perguntas. O terceiro bloco foi elaborado com oito perguntas, com a intenção de verificar a logística de transporte empregada no escoamento, como fazem para transportar, se tem ou não veículo para transporte, que tipo de veículo, com quem comercializam, se os valores estão satisfatórios, como é feita a embalagem para transporte, em que condições estão as estradas e o transporte dos produtos. O quarto, e último bloco, foi estruturado com nove perguntas para entender a visão que os produtores têm quanto ao escoamento de suas produções, nas suas relações com os compradores, qualidade do transporte envolvido e se há anseios de mudanças.

A coleta de dados foi realizada entre os dias 21 de Setembro e 05 de Outubro de 2017, em que, nos primeiros quatro dias, os produtores indicados pelo agente da EMATER foram contatados e convidados a participar do presente estudo, seguido do agendamento das entrevistas, as quais ocorreram entre os dias 25 de Setembro e 05 de Outubro. As entrevistas consistiram no deslocamento do autor até as propriedades para explicar a finalidade do trabalho, mediante o termo de consentimento livre e esclarecido e na aplicação dos formulários de pesquisa aos produtores, questionando-os mediante as perguntas pré-estabelecidas nos formulários.

A seção seguinte descreve os métodos utilizados para a análise dos dados obtidos nesta pesquisa.

### 3.5 ANÁLISE DE DADOS

A interpretação e análise dos dados obtidos se deram pela técnica de análise de conteúdo temática apresentada por Gerhardt e Silveira (2009), a qual tem a objetividade, sistematização e a inferência como características metodológicas internas. “Esse conjunto analítico visa a dar consistência interna às operações”. (MINAYO, 2007<sup>9</sup> citado por GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p.84).

Segundo Gerhardt e Silveira (2009, p.84) “a análise temática trabalha com a noção de tema, o qual está ligado a uma afirmação a respeito de determinado assunto, comporta um

---

<sup>9</sup> MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**. 10. ed. São Paulo: HUCITEC, 2007.



feixe de relações e pode ser graficamente representada por meio de uma palavra, frase ou resumo”.

Sendo assim, as análises se iniciaram com a transcrição das respostas obtidas no momento da aplicação dos formulários em campo, seguido da análise destes formulários já respondidos pelos produtores, inter-relacionando e discutindo com a revisão de literatura acerca do assunto/tema da pesquisa (logística, transporte e comercialização), para então, compreender como estão as condições de escoamento, identificar problemas e perspectivas.

De tal forma, produzir uma base de dados sobre as condições logísticas de transporte e relações comerciais entre os elos da cadeia produtiva em questão, é de fundamental importância para detectar as condições atuais do poder econômico e estrutural destes produtores.

Os dados foram analisados com base em fontes secundárias, tais como IBGE, FEEDADOS, ABH 2016, EMATER, demais autores consultados e também nas respostas obtidas. A primeira parte da análise dos dados, exposta na subseção 4.1 deste estudo, mostra dados sobre a agricultura em Presidente Lucena, as características das famílias e propriedades, a mão de obra predominante, a principal fonte de renda para as famílias analisadas, os tamanhos das propriedades e áreas destinadas à produção olerícola.

Com os três primeiros blocos do formulário foi possível quantificar alguns dados sobre as famílias e suas propriedades, produção e técnicas utilizadas, a logística de transporte e canais de comercialização. Alguns destes dados serão apresentados em gráficos e tabelas.

Os dados sobre a o ponto de vista dos produtores no que tange ao escoamento de suas produções, obtidos com o quarto bloco do formulário, são qualitativos e foram descritos em seção específica. Desta mesma forma, ocorreu com as respostas do agente da EMATER, que está exposta na subseção 4.2 do capítulo de resultados e discussões.

### 3.6 ASPECTOS ÉTICOS

Em uma pesquisa é necessário ser o mínimo invasivo, o mais imparcial e técnico possível, instigar os envolvidos (neste caso, os produtores olerícolas) a refletir sobre suas condições, para que dentro de suas possibilidades e perspectivas elaborem solução autênticas, sempre respeitando seus ideais e vontades, potencialidades e limitantes.

No intuito que, público-alvo e pesquisador construam novos conhecimentos e aprofundem-se nas discussões sobre o tema proposto, para enriquecer e fortalecer a produção olerícola local. O sigilo e discrição sobre as fontes de dados (as identidades dos envolvidos/

público-alvo) são igualmente importantes para preservá-los de exposições desnecessárias e a fiel reprodução da realidade vivida por estes produtores.

No próximo capítulo, estão descritos os resultados obtidos através da aplicação dos formulários de pesquisa ao agente da EMATER e aos produtores olerícolas locais, assim como, discussões destes resultados acerca do escoamento da produção olerícola em Presidente Lucena.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este capítulo apresenta os principais resultados da pesquisa de campo. Estruturado em seis seções, a começar pela caracterização da agricultura e sua representatividade no município, apresentando as características das famílias e propriedades e os dados validados junto a EMATER local.

A partir disso, buscou-se mostrar os resultados obtidos com a pesquisa de campo sobre a produção olerícola local, o escoamento da produção, a logística de transporte empregada e as relações entre os agentes envolvidos nesta cadeia produtiva, à luz da bibliografia consultada. A finalidade é discutir o contexto do escoamento da produção, avaliar as relações entre os elos da cadeia produtiva, analisar a logística de transporte utilizada e propor alternativas para os produtores olerícolas locais.

### 4.1 A AGRICULTURA EM PRESIDENTE LUCENA - RS

Nesta seção, encontram-se dados gerais acerca da economia da região, das características e da representatividade que o meio rural tem no município de Presidente Lucena, consultados em fontes secundárias. Apresenta-se uma breve comparação com um município vizinho, seguida das apresentações, em subseções, das características das famílias e propriedades e da validação de informações junto ao agente da EMATER local, baseadas em dados reais obtidos em campo.

Conforme dados do IBGE (2010) o município de Presidente Lucena possui área territorial de 49,426 Km<sup>2</sup>, um total de 2.484 habitantes, com previsão de aumentar para 2.729 até 2016, sendo que 522 residem no meio rural, apresenta uma densidade demográfica de 50,26 habitantes por Km<sup>2</sup> e 27% de suas vias públicas são urbanizadas. Existem 788 domicílios particulares no município, dos quais 298 estão localizados na área rural, distribuídos em 254 estabelecimentos agropecuários, revelando um alto grau de ruralidade no município com 21,01% dos munícipes vivendo no perímetro rural, detendo 37,81% dos domicílios particulares existentes na cidade.

Economicamente, o Produto Interno Bruto (PIB) per capita do município, em 2014, estava em R\$ 33.170,14, o PIB a preços correntes ficava na casa dos R\$ 88.863.000,00 sendo as indústrias responsáveis pelo maior montante, com R\$ 35.487.000,00 e o setor agropecuário representando R\$ 7.433.000,00, e o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) municipal era

valorado em 0,757. A Tabela 1 a seguir, contribui para o entendimento da representatividade que o meio rural tem para o município em discussão.

Tabela 1 – A representatividade do meio rural para o município de Presidente Lucena

	População	Residências	PIB (R\$)
Total	2.484	788	88.863.000
Rural	522	298	7.433.000
Representação (%)	21,01	37,81	8,36

Fonte: Elaborado pelo autor, baseado em dados do IBGE (2010).

Com base nos dados acima, o município de Presidente Lucena pode ser caracterizado como pequeno, com relativamente poucos habitantes e com predomínio do ambiente rural sobre o urbano, com boa qualidade de vida se comparado com o PIB per capita estadual de R\$ 26.444,63 em 2014, a média de IDH do estado e do país que estavam em 0,746 e 0,744 respectivamente, no ano de 2010. (IBGE). Pode-se dizer também que o setor agropecuário tem importância para a economia local, representando 8,36% do PIB a preços correntes do município em 2014.

Tendo em vista o tamanho territorial rural ser maior que o espaço urbano em Presidente Lucena (2.686 ha, ou seja, 26,86 km<sup>2</sup>) e também o grande número de pessoas (522) residindo no meio rural, vivendo parcial ou integralmente de atividades agrícolas. (IBGE, 2014). Pode-se propor que o setor agropecuário tem condições de melhorar sua representação no PIB municipal, e o fortalecimento da olericultura praticada pelos pequenos produtores familiares pode ser um elemento contribuinte para este aumento.

A importância de fortalecer o meio rural local é ainda mais acentuada quando comparamos Presidente Lucena com a configuração rural do município a qual foi desmembrada (Ivoti). Segundo o IBGE (2010) a cidade de Ivoti tem estimativa de população para o ano de 2017 de 22.514 habitantes, dos quais apenas 508 residem em 193 estabelecimentos agropecuários em uma área territorial rural de 23,91 km<sup>2</sup>, sendo que destes 11,68 km<sup>2</sup> são de matas e florestas, de uma área territorial total de 63,15 km<sup>2</sup>.

Nesta pequena comparação é perceptível a vocação agrícola do município de Presidente Lucena, de tal forma, que o fortalecimento e aperfeiçoamento do setor agrícola local impactarão a vida de uma significativa parcela de pessoas, a começar pelos produtores olerícolas, estendendo-se aos comerciantes e consumidores abrangidos por seus produtos.

Esta vocação ou a permanência de uma significativa parcela da população trabalhando na produção e vivendo no meio rural merece atenção e necessita de instrumentos e elementos para manutenção e ampliação, pois de acordo com Miele Schultz e Waquil (2011) existe uma estimativa de aumento populacional para os próximos anos e isso trará a necessidade de

ampliar a produtividade de alimentos. Ainda há a expectativa de mudança nos hábitos alimentares, onde produtos mais naturais, como as olerícolas, serão muito mais consumidos.

Para fortalecer o setor olericultor local, tem-se a necessidade da identificação de possíveis problemas e de soluções ou melhoramentos viáveis para as situações e condições de escoamento enfrentadas pelos produtores rurais locais, pois este definirá as condições socioeconômicas dos produtores e a qualidade dos produtos disponibilizados aos consumidores.

Assim, as condições de escoamento tornam-se assuntos de extrema importância para a comunidade de Presidente Lucena. No sentido de que, o bom andamento do setor agrícola local pode significar melhores condições para muitos, (principalmente nas áreas alimentares, sociais, econômicas e ambientais) e que esse bom andamento está diretamente relacionado com as condições da logística de escoamento da produção.

Na próxima subseção, constam as informações coletadas junto ao agente da EMATER, seu ponto de vista quanto ao meio rural e ao escoamento da produção olerícola em Presidente Lucena.

#### **4.1.1 O ponto de vista do agente da EMATER quanto ao meio rural e o escoamento da produção olerícola no município**

O foco dos trabalhos desempenhados pela EMATER reside em viabilizar os lados econômico, social e ambiental no meio rural, para melhorar a qualidade de vida das famílias rurais. Para isso, a agência local conta com apenas um integrante atualmente, que providencia entre tantos outros assuntos importantes, o cadastro de produtores em programas governamentais, estaduais e nacionais, dos quais, o Programa Nacional da Agricultura Familiar (PRONAF) é o mais acessado, seguido do Fundo Estadual de Apoio ao Pequeno Estabelecimento Rural (FEAPER), Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

Estes programas visam a oportunizar crédito para investimento e auxiliar no escoamento da produção agrícola por todo o país. No município, segundo o agente entrevistado, as políticas de crédito são as mais aceitas pelos produtores, pois com isso têm condições de adquirir equipamentos para melhorar o trabalho, tais como, canterradeira, trator, pé-de-pato, grade, carreta agrícola, câmaras frias para armazenagem de produtos, fazer açudes, implementar sistemas de irrigação, empreender com agroindústrias, entre outros. O

PAA e PNAE não atraem muitos produtores pelos requisitos de quantidade e frequência de fornecimento exigidos nestes programas, hoje apenas quatro produtores estão cadastrados.

Uma ação relevante a nível local que está sendo estudada com o auxílio da EMATER, que tem a pretensão de ser implementada nos próximos meses, é a estruturação de uma feira nas dependências do pavilhão municipal, no pátio da câmara de vereadores, a 200 metros da VRS-865 que é bastante movimentada nos finais de semana, para que os produtores locais, preferencialmente orgânicos, ainda não certificados, possam comercializar seus produtos diretamente com os consumidores finais.

De acordo com este agente, existem cerca de 170 propriedades rurais que produzem neste município, destas, aproximadamente 10 são consideradas temporárias, pois não produzem durante o ano todo, apenas em épocas específicas, deste total, cerca de 80 propriedades produzem olerícolas destinada a comercialização. A produção agrícola em Presidente Lucena é bem diversificada, são produzidos vários tipos de produtos, como a cana de açúcar, mandioca, batata doce, tomate entre outras dezenas de olerícolas (onde a alface se destaca), inclusive mata plantada (acácia), produção de carvão, pecuária e avicultura.

Os produtos olerícolas mais produzidos são as folhosas, com destaque para a alface, rúcula e couve folha, a batata doce, mandioca, brócolis, pimentão e outras como a beterraba, tomate, tempero, repolho e couve flor são mais variáveis, dependendo da época do ano e do comportamento do mercado.

O canal de comercialização mais utilizado entre os produtores olerícolas é a CEASA de Porto Alegre, cerca de 70% destes produtores comercializam via CEASA, uma segunda forma de escoamento da produção, se dá com os mercados, restaurantes, empresas e fruteiras da região, onde, em torno de 25% dos produtores conseguem comercializar seus produtos diretamente com estes estabelecimentos. O restante, aproximadamente 5% ou menos, comercializam diretamente com o consumidor, venda de porta a porta, passando de caminhão um ou dois dias da semana.

O entrevistado comenta que a abrangência geográfica alcançada por estes produtos fica difícil de mensurar, mas certamente muitos dos municípios da Região Metropolitana, do Vale do Rio dos Sinos, da Serra e a Capital do estado são direta ou indiretamente alcançados. Destaca Ivoti (11Km), Dois Irmãos (16Km), Portão (30Km), Novo Hamburgo (25Km), Canoas (50Km), Sapiranga (35Km) e Porto Alegre (65Km) como os mais frequentes.

A rota de escoamento mais utilizada se dá pelas rodovias VRS-865 que corta a área central do município, sentido norte – sul e vice-versa, acessando a BR-116 ou BR-448, deslocando até o canal de comercialização mais frequentado em Porto Alegre. Na opinião do

agente da EMATER, a logística de transporte que vem sendo utilizada para o escoamento da produção olerícola local está perfeitamente adequada aos produtos produzidos e a distância percorrida no momento de escoar a produção.

A maior parte dos produtores olerícolas locais detém caminhão com refrigeração para transportar seus produtos. As parcerias de comercialização são consolidadas há muitos anos, o que dificulta a entrada de novos produtores atualmente. Somente os que não produzem volumes significativos fazem uma integração com outro que possui caminhão adequado para escoar sua produção. Esta integração consiste numa negociação entre os produtores, onde quem transporta acaba sendo um intermediário, comprando os produtos de quem não tem caminhão e vendendo posteriormente.

Como mencionado na metodologia deste trabalho, o agente da EMATER foi considerado a pessoa mais indicada a propor um número de produtores a serem entrevistados na pesquisa, assim, este indicou o número de oito<sup>10</sup> produtores como adequados para a realização do estudo. Justificou dizendo que os modos de operação, seja para produzir ou comercializar, são muito parecidos entre os produtores locais e este número é suficiente. Indicou quatro produtores da comunidade de Linha Nova Baixa, pois considera esta comunidade o polo produtor olerícola do município, dois localizados na área central, um da localidade de Picada Schneider e um de Morro do Pedro.

Salienta que a produção teve um aumento considerável na comunidade de Linha Nova Baixa após o asfaltamento da estrada geral que dá acesso ao município de São José do Hortêncio em 2010, a qual transcende a localidade, possibilitando acesso à via pavimentada para os produtores daquela localidade. Que houve aumento de aquisição de caminhões no município, acredita que por meio das políticas de crédito, justificando assim a qualidade do transporte utilizado atualmente. Tais informações coincidem com a afirmação de Amaral (2014) de que a infraestrutura logística disponível para o escoamento da produção reflete na produtividade agrícola e com os dados referentes ao aumento de registros de veículos de carga no município, coletados no FEEDADOS, conforme a tabela 2 a seguir.

Tabela 2 – Veículos de carga registrados em Presidente Lucena (entre 2010 e 2015)

Ano	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Quantidade	220	231	256	283	314	331

Fonte: FEEDADOS (2017).

É possível verificar um aumento de mais de 50% na frota de veículos de carga registrados no município recentemente, entre os anos de 2010 e 2015. No entanto, não se pode

<sup>10</sup> O Capítulo 3 apresenta detalhes sobre este aspecto metodológico.

afirmar que estes dados estão diretamente relacionados com a produção olerícola existente no município ou com as políticas de crédito.

A subseção a seguir apresenta as características das famílias e das propriedades rurais que serviram como unidade de análise da população-alvo da pesquisa, através dos resultados obtidos com a aplicação dos formulários de pesquisa de campo.

#### **4.1.2 Características das famílias e propriedades: resultados da pesquisa de campo**

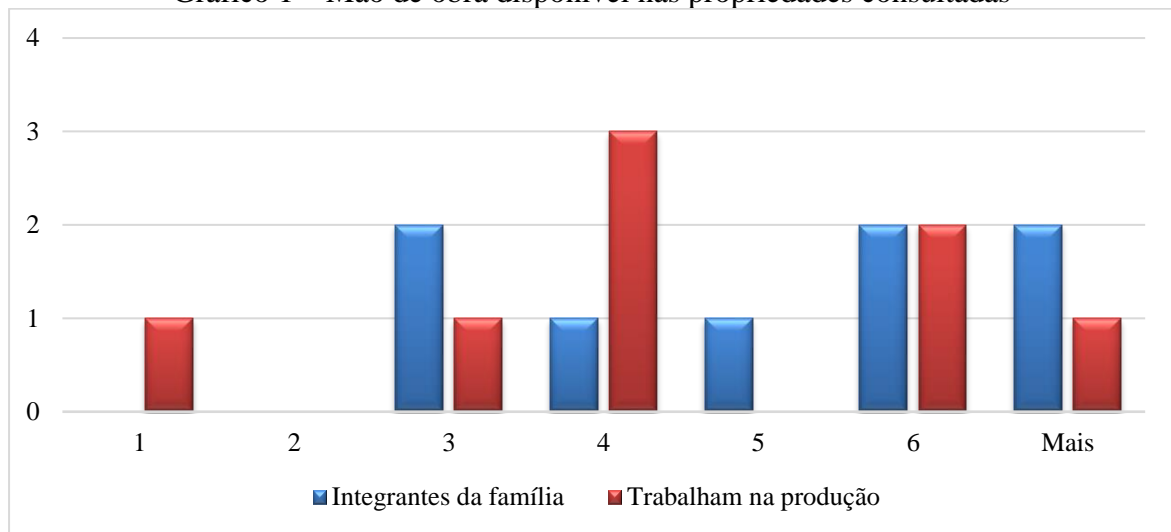
O meio rural local é configurado por propriedades familiares, onde se encontram muitos produtores que trabalham a vida toda na produção agrícola (5 dos 8 entrevistados), sendo que os outros trabalham a 22, 15 e 6 anos respectivamente, na produção de hortaliças. Dentre estes produtores, 7 obtiveram suas terras por herança e acabaram comprando ou alugando mais terras para produzir mais, e 1 produtor adentrou neste ramo produtivo alugando um espaço de 3 ha de terra para produzir e comercializar olerícolas.

A produção de olerícolas é a principal fonte de renda em 6 propriedades, em uma delas, o comércio de olerícolas e frutas também é a principal fonte de renda, revelando que para 87,5% dos entrevistados, as olerícolas são de fundamental importância para a reprodução socioeconômica da família. Metade dos entrevistados relatou ter outra fonte de renda, dos quais, um é assalariado, que tem a produção orgânica de olerícolas e morango apenas como um extra. Os demais relataram que a fonte de renda extra provém da aposentadoria dos pais e não é utilizada na produção, ou seja, não tem influência significativa na produção agrícola.

A mão de obra utilizada na produção é predominantemente familiar em todas as propriedades, em três propriedades existe mão de obra contratada para complementar a necessidade de produção, e um destes produtores inovou fazendo parcerias com o pessoal que trabalha na produção, pagando-lhes comissão por desempenho. O Gráfico 1 a seguir representa a mão de obra empregada nas propriedades analisadas, é possível verificar que predominam as famílias entre 3 e 6 integrantes.



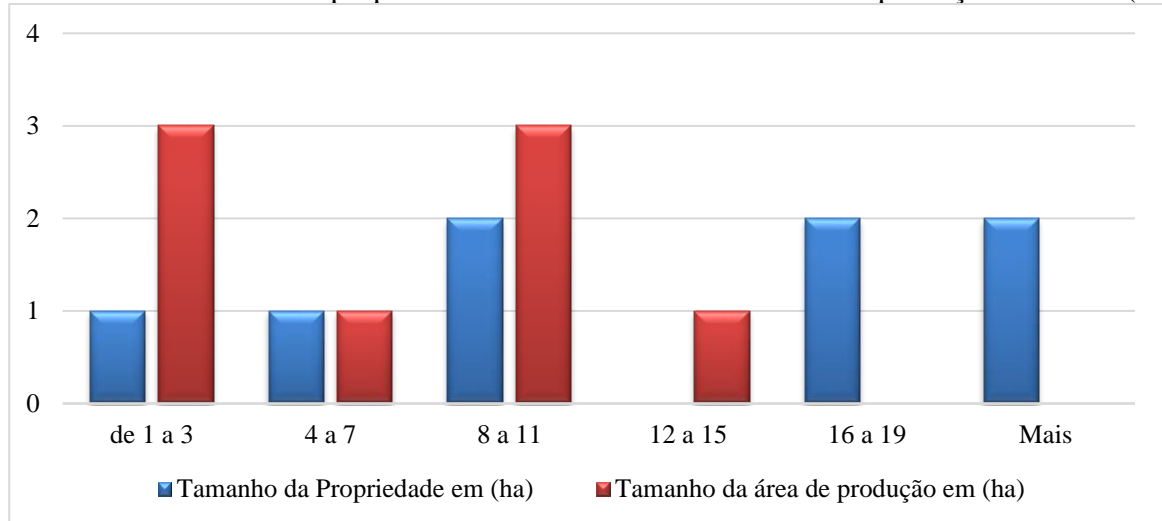
Gráfico 1 – Mão de obra disponível nas propriedades consultadas



Fonte: Elaborado pelo autor, a partir dos dados da pesquisa (2017).

As propriedades rurais que serviram como unidades de análise desta pesquisa se caracterizam como pequenas em extensão territorial, onde 75% (seis das oito) são de até 20 ha, e as duas que ultrapassam este tamanho não chegam a 30 ha. Quando o assunto é área destinada à produção o tamanho é ainda menor, apenas uma ultrapassa os 12 ha, e uma boa parte não passa dos 3 ha, como é possível verificar no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Tamanho das propriedades analisadas e área destinada a produção olerícola (ha)



Fonte: Elaborado pelo autor, a partir dos dados da pesquisa (2017).

Os dados coletados nesta etapa da pesquisa revelam que o ambiente rural de Presidente Lucena é formado pela produção de base familiar, possuindo características específicas, onde as olerícolas são os produtos que predominam nas propriedades. Tais dados coincidem com a percepção do agente da EMATER, o qual estima que a produção de olerícolas para comércio, está presente em pelo menos 50% das propriedades e que a produção existente no município é diversificada.

A seção seguinte apresenta os dados coletados sobre a produção olerícola nas propriedades consultadas, informações coletadas na pesquisa de campo, no Anuário Brasileiro das Hortaliças de 2016 e no FEEDADOS.

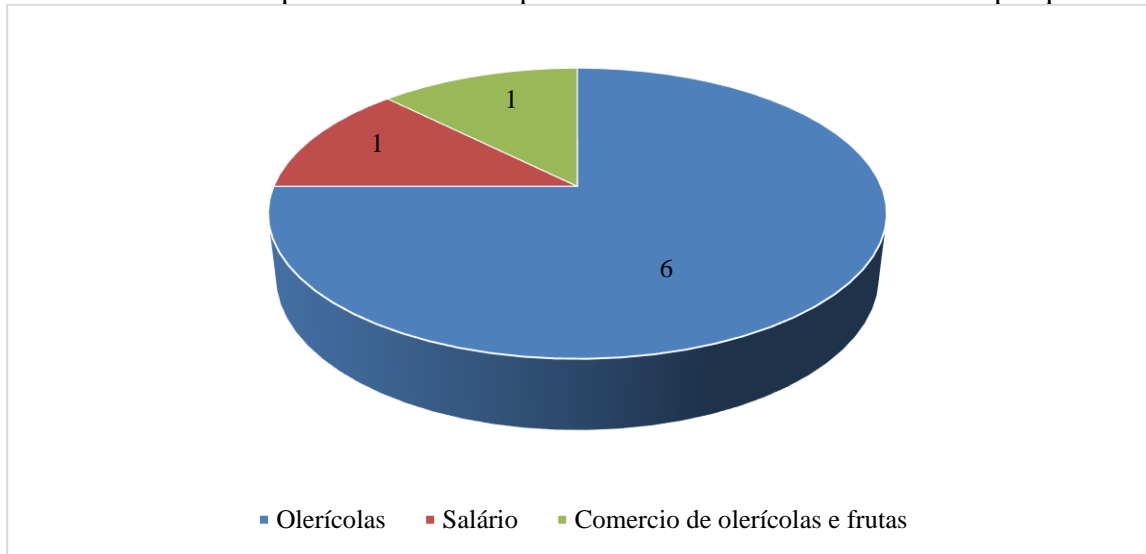
#### 4.2 PRODUÇÃO OLERÍCOLA EM PRESIDENTE LUCENA – RS

De acordo com o Anuário Brasileiro das Hortaliças (ABH) de 2016 estas plantas são indispensáveis para a alimentação humana, agregam sabor e energia, e mesmo em tempos de crise a produção não para. O Brasil conta com uma ampla diversidade de hortaliças em seu território, as quais atendem todos os gostos de consumidores dentro e fora do país.

No Brasil, apenas sete produtos olerícolas (tomate, batata inglesa, batata doce, cebola, alho, melancia e melão) proporcionam renda aos produtores (12,5 bilhões de reais), sendo somente o tomate responsável por R\$ 5,2 bilhões. A mandioca é apontada como um dos principais produtos olerícolas do país, em 2014 rendeu R\$ 9,6 bilhões de reais.

Em Presidente Lucena, com base na unidade de análise pesquisada, a produção de olerícolas é diretamente ou indiretamente, a principal fonte de renda das famílias rurais, sendo que, 7 dos 8 produtores entrevistados, afirmaram que a produção desta classe de produtos provém sua principal renda. Um produtor deixou de produzir para ser comerciante, abrindo uma empresa atacadista em sua propriedade, no entanto, trabalha diretamente com estes produtos. Este ex-produtor, agora empresário, adquire os produtos que comercializa de 10 produtores-fornecedores locais, situados nas comunidades de Morro do Pedro, Picada Schneider e Centro, de seis cidades da Serra Gaúcha e de outros estados do país (São Paulo, Goiás, Bahia e Espírito Santo), movimentando grandes volumes de produtos olerícolas e frutas. A exceção dentre os entrevistados é um produtor em pequena escala, o qual tem em sua produção olerícola uma fonte de renda secundária, um extra. O Gráfico 3 a seguir explicita estas informações.

Gráfico 3 – Principal fonte de renda para as famílias rurais envolvidas na pesquisa

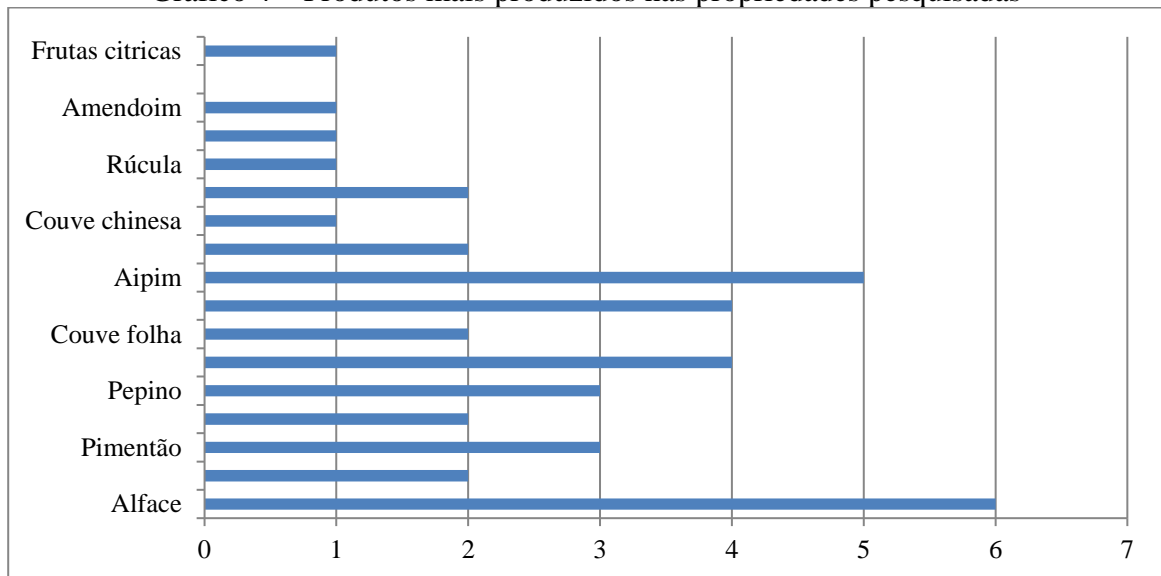


Fonte: Elaborado pelo autor, a partir dos dados da pesquisa (2017).

Dentre os produtos mais produzidos no município, com base nas unidades de análise, destacam-se a produção de alface, brócolis, pimentão, abobrinha, pepino, tomate, couve folha, repolho, aipim, salsa, couve chinesa, batata doce, rúcula, morango, amendoim, beterraba e frutas diversas.

A alface foi citada em 75% das entrevistas (6 dos 8 produtores) como a principal geradora de renda dentre as famílias entrevistadas, seguida do aipim, repolho e tomate. O morango é a principal produção e fonte de renda para o produtor que faz um extra com as olerícolas e esta fruta. O Gráfico 4 mostra uma síntese das respostas em relação aos cinco produtos mais produzidos em cada propriedade.

Gráfico 4 – Produtos mais produzidos nas propriedades pesquisadas



Fonte: Elaborado pelo autor, a partir dos dados da pesquisa (2017).

Há de se destacar, que a grande maioria dos produtores entrevistados encontra dificuldades para fazer controle de produção e principalmente de valores recebidos, sendo que, dos oito entrevistados, apenas três produtores descreveram um controle aproximado da quantidade produzida sobre os cinco produtos de maiores volumes em suas propriedades, e nenhum relatou ter controle efetivamente registrado dos fluxos de produtos e valores que circulam em suas propriedades. Apenas dois produtores ariscaram relatar uma média de valores recebidos pelos cinco produtos mais produzidos, e um produtor, apenas falou sobre os volumes dos cinco produtos mais produzidos. A tabela 3 a seguir auxilia no entendimento destas informações, apresentando os dados mencionados pelos produtores.

Tabela 3 – Volume e valores relatados por três produtores entrevistados

Produto	Produtor 1 (mensal)		Produtor 2 (mensal)		Produtor 3 (safra)	
	Quantidade produzida	Valor recebido (R\$)	Quantidade produzida	Valor recebido (R\$)	Quantidade produzida	Valor recebido (R\$)
Alface	1.000 dúzias	7 a 8 / DZ	600 dúzias	8 a 9 /DZ		
Couve folha	300 dúzias	8 / DZ				
Pimentão	300 caixas	15 / CX			380 caixas	0000
Repolho	5.000 Kg	5 / Kg	500 cabeças	1,50 / unid	2.500 cabeças	0000
Aipim	250 caixas	20 / CX			500 caixas	0000
Tempero			500 dúzias	6 a 7 / DZ		
Tomate			55 caixas	40 / CX	400 caixas	0000
Rúcula			200 dúzias	10 / DZ		
Batata doce					3.000 caixas	0000

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir dos dados da pesquisa (2017).

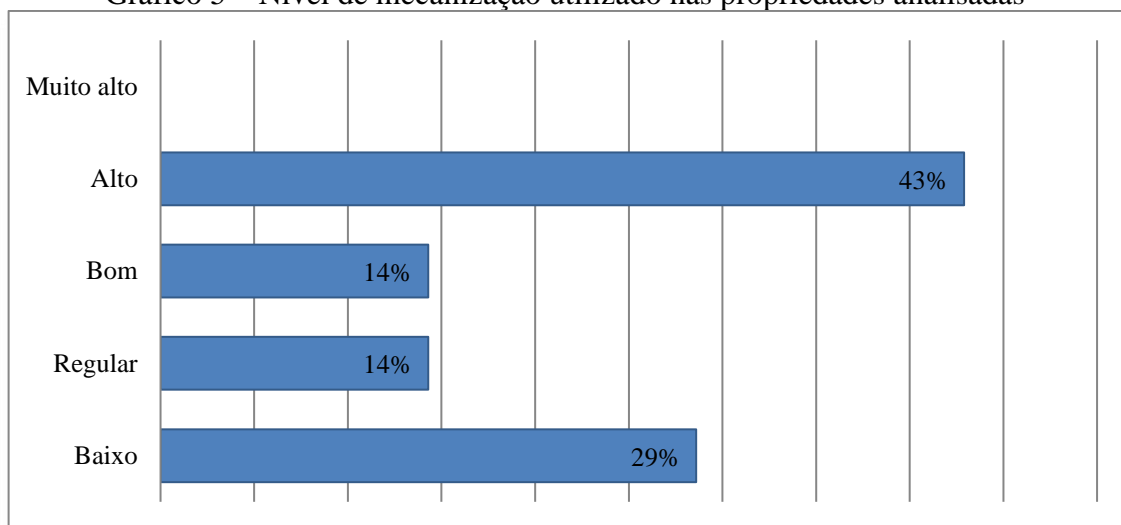
Pelos dados da tabela 3, e sem saber sobre os custos de produção necessários para cada produtor manter suas atividades (pois não foi objeto deste estudo), pode-se afirmar que estes produtores conseguem ter uma renda bruta bem considerável. O produtor 1 com renda bruta acima de R\$ 20.000,00 por mês, o produtor 2 com renda superior aos R\$ 13.000,00 mensais e o produtor 3 (com base nos valores descritos pelos outros produtores), passando dos R\$ 8.000,00 por mês.

No quesito geração de emprego, um estudo da Embrapa mostra que a produção olerícola no Brasil pode empregar até 10% da população. Pontua-se que 32 variedades olerícolas ocupam uma área de 800 mil hectares envolvendo cerca de 7 milhões de pessoas. A mandioca mais uma vez se destaca, mesmo sofrendo oscilações de mercado e produção, como

a olerícola mais produzida, sozinha ocupa 1,5 milhões de hectares, gerando emprego e renda para aproximadamente 14 milhões de brasileiros. (ABH, 2016).

Num comparativo com o município, pode-se concluir que a geração de emprego originada da produção de olerícolas em Presidente Lucena está abaixo da média brasileira, as oito propriedades entrevistadas ocupam uma área de 53,5 ha destinada ao cultivo de 16 variedades de hortaliças (as mais cultivadas), de um total de 111,5 ha, empregando diretamente 36 pessoas, sendo fonte de renda indireta para 47 pessoas (total de integrantes das famílias). Uma pessoa trabalha em uma área de 1,48 ha em média, bem diferente da média nacional de nove pessoas por ha, o que pode revelar uma eficiência produtiva mais elevada que a média do país ou um alto nível de mecanização utilizado no município. O Gráfico 5 demonstra o alto nível de mecanização que os produtores consideram estar empregando em suas propriedades. Onde 43% dos entrevistados consideram estar utilizando um alto nível de mecanização em seus processos produtivos, 29% estão utilizando pouca mecanização (nível baixo), 14% relataram que a mecanização utilizada em suas lavouras está em um nível bom e 14% regular.

Gráfico 5 – Nível de mecanização utilizado nas propriedades analisadas



Fonte: Elaborado pelo autor, a partir dos dados da pesquisa (2017).

Contudo, de acordo com o ABH (2016), os problemas climáticos, o aumento dos custos com insumos e a economia desfavorável vem dificultando o setor de produção olerícola brasileiro, a área plantada está reduzindo, porém com a aplicação de tecnologias a produtividade por hectare vem aumentando. Constata-se que isso vem ocorrendo também no estado e em partes no município, conforme dados obtidos no FEEDADOS (2017). No município, a área plantada de batata doce aumentou e o rendimento acompanhou o crescimento até 2010 e acabou diminuindo recentemente. A mandioca e o tomate seguem a

perspectiva brasileira (com exceção de aumento da área produzida de 2005 para 2010) no período de tempo analisado. As Tabelas 4 e 5 abaixo apresentam os dados comentados. Na Tabela 4 é possível verificar os dados mencionados sobre o município de Presidente Lucena.

Tabela 4 - Área produzida e rendimento médio em Presidente Lucena

Ano	Área produzida (ha)			Rendimento médio (kg/ha)		
	Batata doce	Mandioca	Tomate	Batata doce	Mandioca	Tomate
2005	40	170	5	13.000	9.800	28.000
2010	40	180	6	16.000	14.000	40.000
2015	50	160	5	15.000	14.625	40.000

Fonte: FEEDADOS (2017).

Na Tabela 5 verifica-se os dados referentes a área produzida e rendimento médio de batata doce, mandioca e tomate no estado do Rio Grande do Sul.

Tabela 5 - Área produzida e rendimento médio no RS

Ano	Área produzida (ha)			Rendimento médio (kg/ha)		
	Batata doce	Mandioca	Tomate	Batata doce	Mandioca	Tomate
2005	13.431	87.307	2.535	10.611	12.975	35.997
2010	12.600	81.714	2.368	12.251	15.976	44.005
2015	12.148	66.154	2.269	13.694	17.611	49.080

Fonte: FEEDADOS (2017).

Ainda conforme o ABH (2016), o Brasil está entre os 10 países que mais produzem olerícolas no mundo, as principais culturas que se destacam são: a mandioca e a melancia ocupando o 4º lugar, tomate processado em 5º, a cenoura fica em 7º, o tomate *in natura*, cebola e o melão na 9º posição, os legumes frescos ficam na 10º colocação e na 20º posição estão à batata inglesa e a batata doce. Isso nos mostra o potencial brasileiro para produzir alimentos e a importância da produção olerícola para a economia do país.

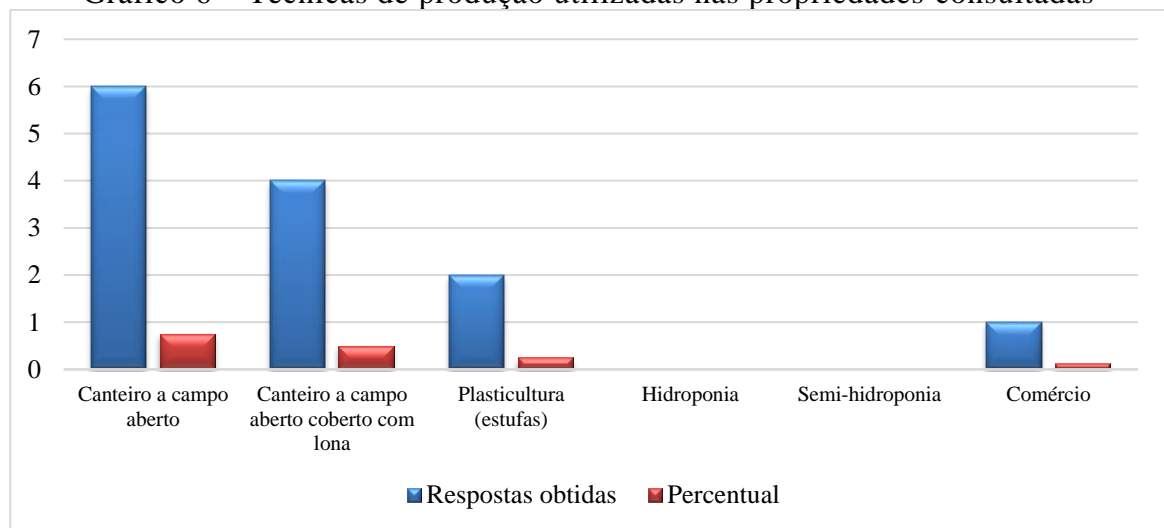
No ano de 2015, em virtude de fenômenos climáticos<sup>11</sup>, a produção de batata e batata doce sofreu baixas nas principais regiões produtoras (sul e sudeste). O estado do Rio Grande do Sul é o 4º maior produtor destas duas olerícolas no Brasil, o 5º maior em produção de cebola e o 3º na produção de cenoura. (ABH, 2016). “O Rio Grande do Sul depende de importações de vários produtos de outras unidades da federação e de outros países, embora sua produção seja expressiva”. (EMATER/RS).

Com base na pesquisa de campo, em Presidente Lucena os dez produtos olerícolas mais produzidos são: 1) Alface, 2) Brócolis, 3) Pimentão, 4) Abobrinha, 5) Pepino, 6) Tomate, 7) Couve folha, 8) Repolho, 9) Aipim e 10) Salsa. Todos os entrevistados relataram utilizar adubação orgânica em suas propriedades, o esterco de

<sup>11</sup> O impacto mais negativo destes, foi o fenômeno denominado “El Niño”, que provocou excesso e concentração de chuvas e seca em algumas regiões produtoras. Causando o apodrecimento de sementes e facilitando o aumento de fungos por excesso de umidade e restringindo o desenvolvimento das plantas pela falta de água.

galinha oriundo de aviários do município é o mais utilizado, seguido do esterco de gado da própria criação. Três produtores apresentaram grande preocupação com as questões ambientais nos processos produtivos, um destes não utiliza nenhum tipo de agrotóxico em sua produção, outro utiliza somente defensivos agroecológicos que são adquiridos de uma empresa de São Paulo, nas palavras do produtor “custa um pouco mais caro, mas preservo minha saúde e de quem consome” e o terceiro produtor, comenta que evita ao máximo o uso de agrotóxicos e em alguns momentos, dependendo do clima, nem precisa usar estes produtos para ter hortaliças de qualidade. As técnicas de produção de canteiros a campo aberto e canteiro a campo aberto coberto com lona, são as mais utilizadas, conforme as respostas dos produtores que segue no Gráfico 6 abaixo.

Gráfico 6 – Técnicas de produção utilizadas nas propriedades consultadas



Fonte: Elaborado pelo autor, a partir dos dados da pesquisa (2017).

O estudo do ABH aponta ainda, que a produção de bata doce no Brasil não está sendo explorada como poderia, devido ao modo de consumo que predominantemente se dá com a raiz *in natura*, é possível utilizá-la como matéria prima em diversos produtos, como farinhas, na produção de álcool, *chips*, rações, etc. Devido as características deste produto e a mudança no modo de consumir do brasileiro, que vem preferindo alimentos mais saudáveis, as exportações reduziram em 31,2% em 2015 que foram consumidos no mercado interno.

Para as hortaliças folhosas, o grande desafio elencado no ABH é manter a qualidade dos produtos nas épocas de calor excessivo e chuvas fortes, pois podem causar danos nas plantas. Essa classe de hortaliças é considerada uma excelente estratégia para a agricultura familiar em virtude das mudanças de hábitos alimentares e o aumento do consumo no verão força a necessidade constate de aplicar técnicas para manter a qualidade, como os cultivos protegidos, hidropônicos, irrigação, rotação de cultura, adubação adequada, etc.

Para isso, todos os produtores locais entrevistados contam com irrigação em suas propriedades, dois destes relataram produzir em estufas para diminuir os riscos de perda, há de se destacar que estes produtores são os que produzem menores volumes. Todos demonstram preocupação com a adubação em suas produções, com a utilização de adubo orgânico, comprando esterco de aves de aviários. Alguns dados expostos nesta seção estão de acordo com a percepção do agente da EMATER local quanto a produção olerícola no município, tais como, a alface se destacando como o principal produto produzido, seguido da couve folha, batata doce, pimentão, entre outros, a facilitação no emprego de mecanização e implementação de irrigação nas propriedades, provida pelo crédito disponibilizado em programas governamentais.

A seção 4.3 a seguir, trata sobre o escoamento da produção olerícola em Presidente Lucena, evidenciando os principais canais de comercialização e a falta de controle sobre os fluxos de produtos e valores nas propriedades.

#### 4.3 ESCOAMENTO DA PRODUÇÃO OLERÍCOLA EM PRESIDENTE LUCENA

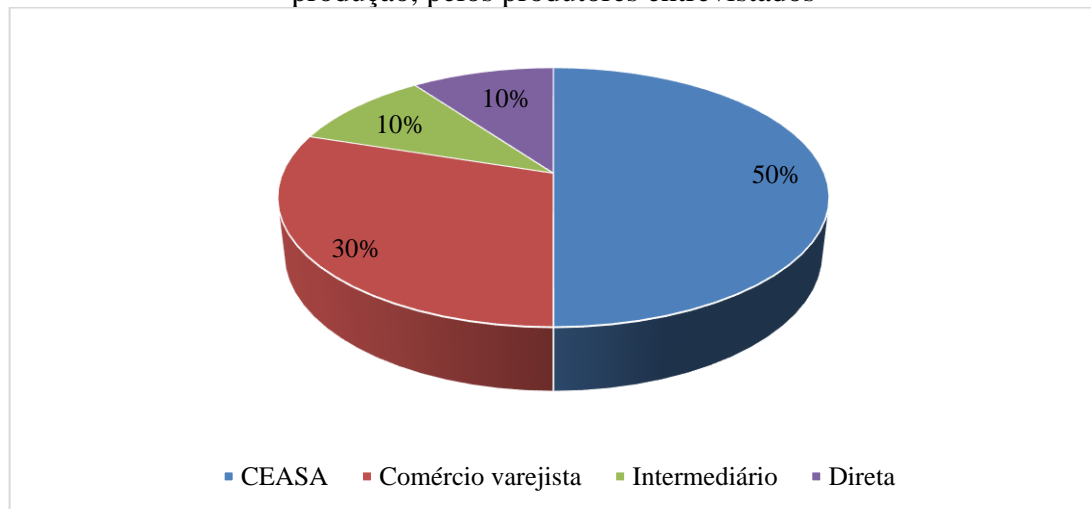
Levando em consideração a escassez de trabalhos e a importância da produção olerícola hoje desenvolvida em Presidente Lucena, a qual contribui para o abastecimento destes produtos aos consumidores de boa parte do estado, através da CEASA de Porto Alegre (o principal canal de comercialização utilizado pelos produtores olerícolas locais), que segundo seu atual presidente, diariamente comercializa alimentos provenientes da produção hortifrutigranjeira para cerca de cinco milhões de gaúchos. (CEASA, 2017). Estudos sobre as condições de escoamento desta cadeia produtiva tornam-se relevante para a economia e para os produtores deste município.

Através da pesquisa de campo, foi comprovado que o canal de comercialização mais acessado pelos produtores olerícolas de Presidente Lucena é a CEASA de Porto Alegre, tanto na entrevista com o agente da EMATER, quanto nas entrevistas com os produtores.

Cinco, dos oito entrevistados comercializam com a CEASA, sendo que três destes escoam 100% de seus produtos com a CEASA e outros dois mesclam seu canal de comercialização, com uma quantia via CEASA e outra em mercados, restaurantes, empresas e intermediários. Dois produtores comercializam somente com comerciantes varejistas da região (mercados, empresas, escolas, restaurantes) e um produtor vende diretamente ao consumidor final em sua propriedade. O Gráfico 7 a seguir representa os percentuais dos canais de comercialização utilizados pelos produtores para o escoamento de suas produções.



Gráfico 7 – Representação dos canais de comercialização utilizados para o escoamento da produção, pelos produtores entrevistados



Fonte: Elaborado pelo autor, a partir dos dados da pesquisa (2017).

As parcerias entre produtores e outros agentes econômicos é que direcionam o escoamento da produção olerícola no município. Alcântara (1997) descreve que a eficiência da logística está relacionada às escolhas de parcerias cujo objetivos estão alinhados.

O ABH de 2016 destaca que este tipo de produção é o mais rentável por hectare, com investimento de R\$ 1mil à R\$ 5mil por hectare pode obter-se uma lucratividade de R\$ 2mil à R\$ 20mil dependendo das técnicas e tecnologias empregadas e do comportamento do mercado. O MAPA estima que entorno de 55% a 60% da comercialização dos produtos olerícolas no país ocorrem no atacado.

Os produtores locais relataram encontrar dificuldades para fazer controle de valores recebidos na comercialização de seus produtos, somente dois conseguiram descrever (de memória) uma média de valores, mas nenhum tem controle registrado sobre estes valores, inclusive o produtor que se tornou atacadista.

Isso pode ser considerado um problema para a administração das propriedades, uma vez que é de fundamental importância deter controle sobre os fluxos de produtos e valores para o aperfeiçoamento das atividades de produção, pois permite compreender o que vale ou não a pena produzir e se o canal de comercialização está proporcionando a rentabilidade desejada. Tal acontecimento pode ser considerado como desleixo por parte dos produtores, ou ainda, dois fatores podem estar determinando que estes produtores não se preocupem com isso: (i) quem comanda os valores recebidos é o mercado (valores praticados na CEASA) e pouco adiantaria tentar enfrentá-lo e os produtores aceitam as condições impostas; e (ii) os valores estão proporcionando boas condições e os produtores ficam confortáveis, julgando

desnecessário despender tempo para controlar os fluxos. Estas foram as respostas mais frequentes, quando questionados sobre o controle de fluxos de produtos e valores.

Quando questionados se os valores recebidos no momento da comercialização estão satisfatórios, 5 produtores responderam que sim e 3 disseram que não. Os que responderam sim, relataram que depende da época (da relação entre a oferta e a demanda) mas de forma geral possibilitam boas condições de vida, e os outros julgam que seus produtos poderiam ser mais valorizados, os preços não acompanham os percentuais de inflação e que está abaixo do esperado. Entre os que responderam sim, está o que vende diretamente ao consumidor, e entre os que responderam não, o produtor que se tornou atacadista. Com isso, pode-se interpretar que, para quem anseia maiores ganhos, os valores obtidos não estão sendo os desejados e para a maior parte destes produtores os valores estão satisfatórios, mas poderiam estar melhor.

Entende-se com isso, que, as condições de escoamento precisam estar ajustadas com as necessidades dos produtos e principalmente com as estratégias de produção e comercialização, para não comprometer a rentabilidade da atividade. Conforme Fernandes (2014), o Ministério do Transporte gasta apenas 30% a 35% do seu orçamento planejado, e se fosse possível melhorar o trabalho desempenhado por este ministério, mesmo assim, levariam 25 anos para termos uma estrutura de escoamento mais adequada no país. Isso revela a grande necessidade de melhorias estruturais para o escoamento da produção agrícola em todo país. Contudo, nesse aspecto, pode-se afirmar, com base nas pesquisas de campo, que o escoamento da produção olerícola de Presidente Lucena encontra-se em melhores condições que a realidade vivida por grande parte dos produtores rurais brasileiros, relatado pelos diversos autores consultados na revisão de literatura.

A próxima seção analisa as condições da logística de transporte e das rodovias utilizadas para o escoamento da produção olerícola em Presidente Lucena.

#### 4.4 LOGÍSTICA DE TRANSPORTE PARA O ESCOAMENTO DA PRODUÇÃO OLERÍCOLA LOCAL

De acordo com Souza (2002), a logística é de suma importância pela capacidade de ajustar o planejamento, execução e controle dos fluxos de produtos e informação em uma cadeia de suprimentos, e com isso tem o potencial de torná-la mais eficiente organizacional e economicamente. O gerenciamento do emprego logístico é apresentado não somente para reduzir custos, mas também como instrumento para melhorar a competitividade da cadeia.

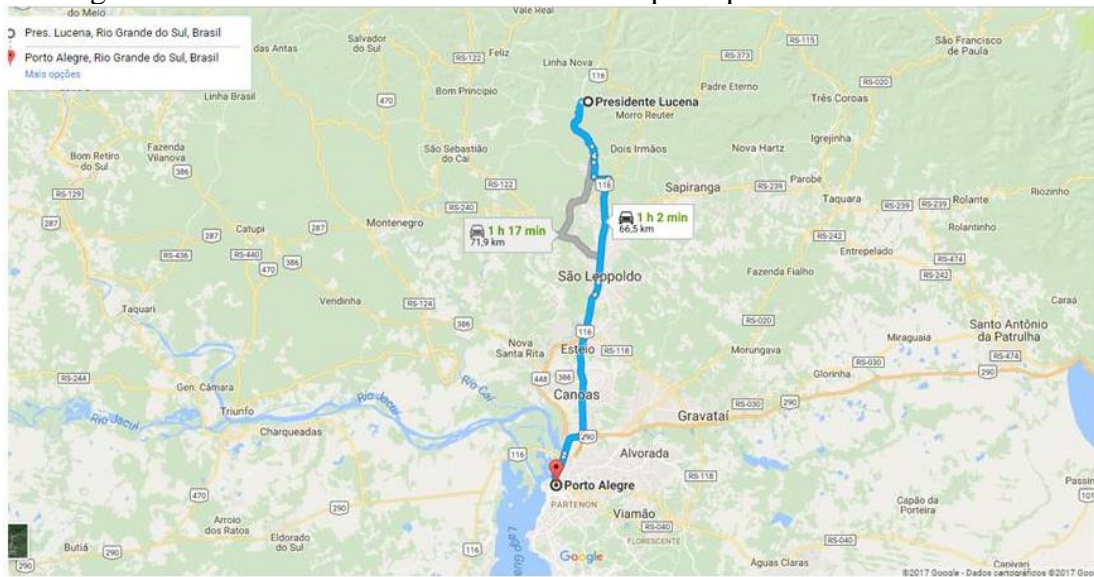
Conforme menciona Ribeiro (2010), a logística envolve toda a estrutura de uma propriedade, sua infraestrutura e meios de transportes disponíveis numa relação complexa de econômico com o território. Azevedo (2014) complementa afirmando que, “a logística cumpre papel fundamental nas cadeias de suprimento de produtos agrícolas” por se tratarem (em geral) de produtos perecíveis. As hortaliças, por sua vez, são produtos extremamente perecíveis e suscetíveis a danos no momento do transporte, por isso as estratégias empregadas na logística de transporte são muito importantes para que estes produtos cheguem até o consumidor com sua qualidade preservada e que todo o trabalho de produção despendido pelos produtores rurais seja devidamente compensado através da comercialização, para que essa atividade lhes possibilite uma qualidade de vida satisfatória.

Sendo assim, é preciso um veículo preferencialmente refrigerado ou coberto com lona de cor clara, alocar as hortaliças em caixas revestidas com plástico, não podendo haver contato entre as caixas, transportar em horários de menor calor, cuidar a temperatura dos produtos e do veículo e o transporte deve ser em menor tempo possível. (SPOTO, 2017).

Segundo o agente da EMATER e com base na pesquisa de campo junto aos produtores, em Presidente Lucena a maior parte da produção olerícola local está sendo escoada através do modal rodoviário, pelo trajeto: VRS-865, a qual passa pela área central da cidade, deslocando até o município de Ivoti, acessando a BR-116, transcendendo pela região metropolitana até chegar a CEASA em Porto Alegre. Segundo Correa e Ramos (2010) o modal rodoviário, embora seja o mais caro, é mais flexível e acessa locais que outros modais não conseguem. Assim, apresenta-se como o mais adequado para escoar a produção olerícola local, devido à localização do município e a necessidade de rapidez na entrega pela perecibilidade dos produtos.

O escoamento ocorre de quatro maneiras: (i) transporte por conta própria (mais praticado); (ii) atravessadores compram os produtos e vendem na CEASA; (iii) por meio de acordos informais de parceria, onde produtores com menos terra ou condições recebem os insumos e produzem determinados produtos para outros produtores que tem maior estrutura de escoamento e (iv) venda direta, na propriedade ou porta a porta.

Figura 2 - Rota de escoamento mais utilizada pelos produtores entrevistados



Fonte: Google Maps (2017).

De acordo com Azevedo (2014), a situação das estradas, o tráfego intenso, tempo de deslocamento, custo de manutenção com caminhões, estado dos caminhões, preço do combustível, entre outros, são fatores importantes que podem interferir na logística de transporte do setor de produção olerícola local. Levando em consideração que este exige planejamento e gestão para que os produtos se desloquem em condições adequadas, em tempo hábil e com o menor custo possível, de sua origem ao seu destino, as condições de transporte influenciam fortemente nesta cadeia produtiva.

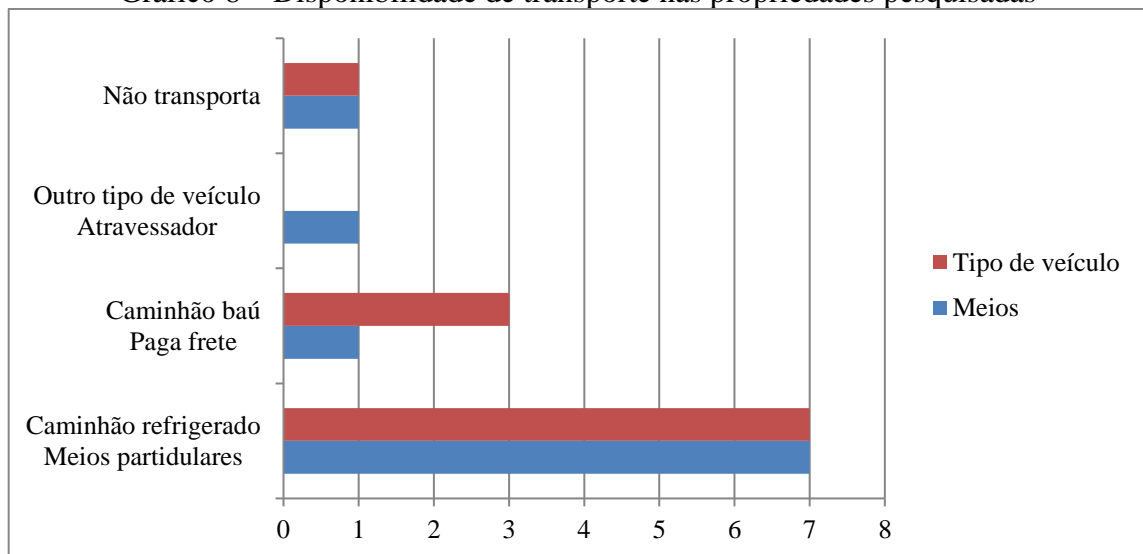
No mapa acima, é possível perceber a proximidade entre os produtores e o canal de escoamento mais utilizado, este fator é fundamental para um transporte adequado dos produtos. Os produtores consideram que seus produtos não perdem qualidade no momento do transporte, pois em menos de duas horas com os produtos devidamente embalados em caixas plásticas revestidas de sacos plásticos (alguns como o brócolis, são embalados individualmente em bandejas e plástico filme) e transportados em ambiente refrigerado, a preservação da qualidade é garantida. Todos relataram que as estradas utilizadas estão boas condições, apenas comentaram que em determinados horários, o grande fluxo de veículos na BR-116 atrasa um pouco a entrega, mas que não interfere na qualidade do transporte. A proximidade do local de entrega e as boas condições das estradas contribuem para a redução dos custos de transporte elencados por Azevedo (2014).

Com base nas entrevistas aos produtores, pode-se afirmar que a logística de transporte para o escoamento da produção olerícola de Presidente Lucena está perfeitamente adequada aos produtos em questão, bem como a disponibilidade de transporte, que de acordo com Castro (2002) é de extrema importância para o aperfeiçoamento da logística e na redução de

custos. Todos os produtores deram nota máxima quando avaliaram o serviço de transporte utilizado para seus produtos. Os que trabalham com volumes maiores de folhosas possuem meios próprios de transporte, todos têm caminhão fechado e refrigerado. Dois produtores trabalham com produtos menos perecíveis, como batata doce, aipim, tomate, abobora, entre outros que não necessitam de caminhão refrigerado para transporte rápido como o que vem ocorrendo no município. Nesse aspecto, as exceções são o produtor que vende seus produtos diretamente aos consumidores, os quais buscam na propriedade, não necessitando de meio de transporte para escoar a produção, o produtor-atacadista que paga frete para os produtos que vem de fora do estado e um produtor que vende somente o repolho para um atravessador que vem buscar na propriedade.

No Gráfico 8, é possível verificar os meios de transporte utilizados pelos entrevistados, todos que transportam (7 dos 8 produtores) possuem meios próprios. Dois destes, utilizam formas diferentes para escoar a produção, um (o produtor atacadista) pagando frete quando para fora do estado e o outro entregando uma parte da produção (somente o repolho) a um atravessador.

Gráfico 8 – Disponibilidade de transporte nas propriedades pesquisadas



Fonte: Elaborado pelo autor, com dados da pesquisa (2017).

Na seção seguinte, apresenta-se o ponto de vista dos produtores sobre as relações que mantém com os compradores de seus produtos.

#### 4.5 RELAÇÕES ENTRE OS ELOS DA CAEIA PRODUTIVA: O PONTO DE VISTA DO PRODUTOR

Para Alcântara (1997), a cooperação existente se dá muito mais pelo interesse comercial do que por outro motivo, a eficiência está diretamente relacionada à capacidade de

gerenciamento de vendas, inovação, apresentação de produtos para manutenção da demanda, ações de marketing, compra de insumos para o estoque, de transporte, armazenagem, padronização produtiva de quantidade e qualidade, sobre o conhecimento dos riscos e capacidade de comunicação com o mercado. Isso revela a complexidade de relações necessárias, sejam elas prioritariamente comerciais ou não, que envolvem a constituição de uma cadeia produtiva.

No caso em análise, percebe-se o que a autora aponta, as relações existentes entre os produtores e os seus consumidores são majoritariamente comerciais, principalmente na CEASA. Nas relações com supermercados da região, dois produtores relataram ser diferenciado este relacionamento, um mencionou ter relação de confiança com o comprador, pois trabalham em conjunto há muitos anos e o outro se sente mais valorizado por quem compra seus produtos dessa forma, em relação a CEASA. O produtor que comercializa diretamente com o consumidor relata que tem relação de proximidade com os compradores, que eles querem saber como são produzidos os produtos que consomem e apoiam os métodos orgânicos utilizados pelo produtor. Os demais produtores, cujo canal de comercialização predominante é a CEASA, comentam que o relacionamento está bom, mas que depende da época do ano, demonstrando o interesse meramente comercial.

Cada produtor considera que a atual forma de comercializar seus produtos é a melhor, o produtor que vende direto ao consumidor gostaria de participar de feiras, pois acredita que iria vender mais. Dentre os demais, dois consideram interessante participar de feiras, mas acham que não daria certo, e os outros não acreditam que seria viável, pois há muita produção e poucos habitantes no município. Os que comercializam com supermercados e com a CEASA, consideram que estes canais de comercialização podem absorver suas produções rapidamente e isso é um fator positivo e importante.

Somente um produtor mencionou almejar mudança na forma de escoar a produção, hoje ele comercializa com a CEASA e gostaria de comercializar com algum mercado grande, onde acredita que poderia vender a totalidade de sua produção a um preço melhor do que atualmente. Este produtor pretende adquirir uma câmara fria para armazenagem de produtos, com o intuito de ganhar valores mais altos em alguns produtos.

O único que paga frete é o produtor-atacadista, o qual relata que sua relação com os transportadores está boa, pois estes são de confiança, somente pontua que devido à distância percorrida, em alguns momentos, os produtos que vêm e/ou vão para longe, perdem um pouco de qualidade no caminho.

Santos e Prost (2011, p.14) observaram que os pequenos produtores agrícolas agem de forma diferente uns dos outros. “Enquanto muitos se dedicam exclusivamente à agricultura, alguns cuidam também do escoamento, ‘eliminando’ a figura do atravessador com o objetivo de melhorar os lucros”. Este encurtamento do canal de distribuição aparentemente não vem sendo priorizado pelos produtores locais, haja vista que grande parte deles comercializam com a CEASA e varejistas da região. Quanto ao produtor que se tornou atacadista de produtos olerícolas e frutas, este acontecimento se deu de forma similar ao comentado pelos autores, na família, somente o pai continua sendo produtor, o restante trabalha com a compra e venda de produtos, conforme mencionado em outras seções, e um dos filhos estudou administração, teve a iniciativa de fundar a empresa e hoje é ele quem gerencia os negócios.

Quando questionados sobre os motivos pelos quais os fazem acreditar que o canal de comercialização utilizado é o melhor, os produtores que comercializam com a CEASA destacam a facilidade e rapidez na venda, o tempo em que fazem a venda naquele local, a junção de comprador e vendedor no mesmo espaço, a proximidade e a quantidade de empregos gerados naquele local em virtude da produção, como fatores positivos e a variação nos preços como um fator negativo das relações entre eles e este agente da cadeia produtiva. Os produtores que preferem comercializar com os comerciantes da região destacam a eliminação de atravessadores, a proximidade, maior regularidade nos preços, preços melhores, relação mais próxima (confiança) e a valorização dos produtos locais como fatores positivos em suas relações com estes elos da cadeia produtiva. O pequeno produtor orgânico relata que vender diretamente ao consumidor é mais viável, pois evita intermediários, propicia preços mais justos para ambos os lados (consumidor e produtor) e que tem uma relação de proximidade com os compradores, onde interagem querendo saber como são produzidos os produtos que estão consumindo, trocando informações.

Segundo Alcântara (1997, p.45) “O grau de poder de cada elo do canal determina a forma que a estrutura distributiva vai assumir”. As redes varejistas estão se destacando como elo mais forte das cadeias de distribuição, suas decisões impactam a cadeia toda, interferindo na organização do canal de distribuição. O que a autora denomina como sistema vertical de marketing, onde um elo é reconhecido como líder, tomando as principais decisões, gerenciando conflitos, buscando a estabilidade do canal e direcionando-o para o futuro, por ser o agente mais interessados no sucesso.

Para Miele, Schultz e Waquil alguns setores da cadeia produtiva exercem influência nas decisões tomadas pelos agricultores na hora de produzir e escoar:

Em que pese o maior poder de mercado das empresas frente aos produtores rurais e aos pequenos varejistas, verifica-se que, na maior parte dos casos, suas estratégias se subordinam à estratégia dos segmentos de insumos e, sobretudo, das grandes redes de varejo com presença global; e, em que pese a liberdade que têm os produtores na composição de seu leque de produtos (diversificação), bem como na escolha da tecnologia a ser adotada ou da forma de inserção na cadeia produtiva, suas estratégias estão em grande parte subordinadas às estratégias dominantes dos demais segmentos das cadeias produtivas. (MIELE, SCHULTZ e WAQUIL 2011, p.29).

Sumariamente, há de se destacar que produtores e consumidores integram os elos mais frágeis da cadeia produtiva em análise. Os produtores vêm sofrendo pressões em relação a preços ao vender para o setor de distribuição (em especial a CEASA) ficam de mãos amarradas, tendo que aceitar praticamente qualquer proposta para não perder sua produção. Os consumidores finais acabam arcando com um custo mais elevado ao consumir estes produtos devido a esta configuração.

Segundo Sepulcri e Trento (2010), os compradores e fornecedores têm poder de barganha dependendo da relação estabelecida entre os integrantes da cadeia produtiva. No caso em análise os produtores orleícolas locais enfrentam especialmente estas duas grandes forças competitivas, que são obstáculos significativos na obtenção de um preço satisfatório neste momento tão importante, o da comercialização.

De acordo com Tanaca, Bonfim e Filho (2010) em muitos casos existem diferenças estruturais enormes entre os integrantes de uma cadeia de suprimentos, as relações entre eles precisam ser gerenciadas da melhor forma para não comprometer o potencial competitivo da mesma. Nas cadeias de produtos alimentícios as relações comerciais são ainda mais tênues pela perecibilidade e a sazonalidade do produto.

Durante a pesquisa de campo, embora estes produtores não conseguiram apresentar controle de quantidade produzida, foi perceptível que o produtor que se tornou atacadista e dois produtores da comunidade de Linha Nova Baixa se destacam no quesito quantidade produzida e circulação de produtos em suas propriedades, são os que complementam a mão de obra com pessoas externas à família e detém maior infraestrutura de escoamento.

Tendo em vista as especificidades das cadeias produtivas, as relações entre os agentes que a integram, interferem diretamente no emprego da logística necessária, nas formas de escoamento da produção e nos fluxos de relações. Da mesma forma, pode alterar as estruturas físicas das organizações envolvidas, com investimentos forçados “por quem manda mais dentro da cadeia produtiva”, por iniciativas desajustadas, etc.

O segmento que lidera (agente que tem maior poder decisório) e conseqüentemente organiza e direciona a cadeia produtiva, ao fazer exigências, negociar situações ou tomar alguma decisão, de uma forma ou outra, força os outros elos da cadeia a se adaptarem uma



nova estruturação. Por exemplo, comprar um caminhão mais adequado para o transporte, pois se os produtos chegarem danificados não serão aceitos, a instalação de câmara fria e embalagens individuais, para obter melhor preço na venda, devido oscilações entre oferta e demanda, a especialização em poucas culturas para atender a demanda desejada, entre outros.

A aquisição de câmaras frias por parte dos produtores, aparentemente está sendo influenciada pela oscilação nos preços e a contratação de mão de obra pela necessidade de aumentar a produção, quando a comercialização se dá com a CEASA. Neste canal de comercialização é provável que a forte concorrência, devido à concentração de vendedores em um local específico, afeta nas estratégias e decisões dos agentes envolvidos, conforme salienta Notarjacomio (2013).

Em seguida, é exposto algumas alternativas, que durante a elaboração da pesquisa, apresentaram-se viáveis para a realidade dos produtores olerícolas em tela.

#### 4.6 ALTERNATIVAS DE COMERCIALIZAÇÃO PARA OS PRODUTORES OLERÍCOLAS DE PRESIDENTE LUCENA

Diante da questão do escoamento, e levando em consideração o que foi analisado, em termos comercialização e acesso a mercados, é possível apontar que boa parte das dificuldades enfrentadas pela categoria de produtores familiares (característica das famílias analisadas) estão relacionadas ao canal de comercialização disponível e utilizado para escoar a produção. A partir destes resultados, esta seção visa a apontar alternativas para viabilizar o escoamento da produção local, em termos de valores monetários e através disso tornar possível o melhoramento dos processos produtivos e das relações entre os agentes envolvidos nesta cadeia produtiva.

De acordo com Sepulcri e Trento (2010, p.7) “os agricultores familiares só conseguem ter melhoria de qualidade de vida se tiverem sucesso na comercialização de seus produtos e serviços [...]”. O acesso ao mercado e a comercialização são apontados como as grandes dificuldades enfrentadas por esta categoria de produtores. Tendo em vista o explanado, é necessário propor alternativas para o melhoramento do escoamento da produção olerícola local através de canais de comercialização supostamente entendidos como os mais acessíveis e vantajosos a estes produtores.

Darolt et al. (2016), em um comparativo sobre redes alimentares alternativas no Brasil e na França, apontam que estas iniciativas fundadas na cooperação social e na relação de proximidade entre produtor e consumidor, além de favorecer o lado econômico para ambos os

envolvidos com o encurtamento do canal de comercialização, possibilita inclusão social dos produtores, valorização da diversidade cultural e ainda a preservação ambiental por estar inteiramente relacionada com sistemas produtivos agroecológicos.

Cassol e Schneider (2015), trazendo à tona o interesse dos estudos da sociologia sobre a produção e consumo, destacam que o modo de consumir alimentos interfere na formação da sociedade em diferentes contextos. Afirmam que as redes alimentares (alternativas locais) são capazes de gerar novas práticas econômicas ligadas ao território onde ocorrem. Valorizando-se assim as culturas regionais (história e formas de produzir), o meio ambiente e o modo de consumo (preferências locais).

No Brasil as discussões sociológicas sobre alimentação estão muito ligadas ao agronegócio, e pouco se analisa as experiências que aproximam produtores dos consumidores, como as feiras livres no nordeste e programas governamentais como o PAA e PNAE, considerados grandes transformadores das relações de consumo. (CASSOL e SCHNEIDER, 2015). Em Presidente Lucena, com base nesta pesquisa, pode-se dizer que os produtores rurais também estão distanciados de iniciativas locais de comercialização e de programas governamentais.

Conforme Fonseca, Neto e Silva (2010) a escolha dos parceiros de negócio é essencial para a criação de redes de distribuição, que através das relações existentes entre os integrantes de uma rede é que se pode gerar eficiência e melhorar as condições econômicas. A confiança é apresentada como um requisito fundamental nesse processo.

Tanaca, Bonfim e Filho (2010) comentam que parcerias entre produtores e grandes redes varejistas, pode ser vantajoso para ambos quando a grande empresa fornece o apoio inicial necessário aos produtores, além de tornar os meios e as técnicas de produção mais eficientes, é possível ter um produto de melhor qualidade e com o encurtamento do canal de comercialização, o produtor consegue preços melhores, a empresa e consumidores também.

Existe a necessidade de buscar alternativas para fortalecer cada vez mais a agricultura familiar, tendo em vista sua contribuição para a manutenção da biodiversidade, segurança alimentar e sustentabilidade socioambiental e cultural. Através de suas características produtivas, onde predomina a pluriatividade (cultivos diversificados), assim como, sua relevância para os mercados regionais, pois os valores monetários conquistados com a comercialização de seus produtos aquecem os mercados locais (com melhores condições financeiras, consomem mais). Um ponto chave para isso reside no acesso aos mercados e no retorno que estes produtores detêm através do escoamento de suas produções. (SEPULCRI e TRENTO, 2010).

Com base nestas reflexões, propõem-se para os produtores locais de pequena monta, a criação de uma feira de comercialização direta com o consumidor final, aos que produzem grandes quantidades percebe-se que o mais viável é a comercialização com grandes redes varejistas e via CEASA, já para os produtores medianos nota-se que parcerias com redes varejistas ou comercio local, podem viabilizar suas rentabilidades. Estas proposições têm a intenção de melhorar as condições de vida das famílias rurais produtoras de olerícolas, gerar preços mais justos para todos e o aperfeiçoamento dos processos produtivos, consequentemente o escoamento da produção local.

Com a criação de feiras contínuas, os pequenos produtores podem aproveitar o grande movimento de turistas na VRS-865 aos finais de semana para alavancar seus ganhos, para isso a produção de base ecológica deve ser priorizada, pois atinge um nicho de mercado compatível com as mudanças de hábitos alimentares descritas por Miele, Schultz e Waquil (2011) e outros autores. Ao deslocarem de suas residências, buscam vivências e produtos diferenciados que agregam sentido e saúde em suas vidas.

Aos que desejam e tem condições de produzir grandes volumes, fazer parcerias com grandes redes varejistas pode gerar uma alavancagem de ganhos interessante, pois em produção de escala alguns centavos podem gerar grandes ganhos. Ou podem permanecer comercializando com a CEASA, onde a maioria considera estar satisfatório e também a criação desta central viabilizou a comercialização, reunindo grande número de vendedores e compradores num mesmo local.

Para os produtores medianos, acredita-se que a integração com mercados da região e redes varejistas pode ser mais vantajosa para ambos, eliminando atravessadores, encurtando o canal de comercialização, podem se beneficiar com preços mais justos em uma relação mais próxima e consequentemente o consumidor se beneficia disso também.

Para elaborar estas proposições levaram-se em consideração os comentários dos produtores no momento da aplicação dos formulários, onde apresentaram vontades distintas uns dos outros e a revisão de literatura, a qual norteou estas sugestões. Não seria possível propor mudanças sem o interesse dos envolvidos e sem conhecer outras realidades.

Contudo, uma sugestão que não pode deixar de ser posta aos produtores olerícolas de Presidente Lucena, é a necessidade de se elaborar controle efetivo e registrado dos fluxos de valores e produtos em suas propriedades, pois com isso podem direcionar sua produção e o canal de comercialização mais adequado aos seus objetivos. Podem escolher produzir produtos que lhes propiciem melhores ganhos se assim desejarem e buscar novas parcerias que lhes valorizem mais, ou ainda que lhes deem segurança e confiança para produzir.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como problema de pesquisa pontuou-se a importância que a logística de transporte, a escolha do canal de comercialização e as relações existentes entre os agentes que integram uma cadeia produtiva exercem para o escoamento da produção. A escolha do modal, das rotas, rodovias e veículos a serem utilizados interferem fortemente na qualidade do produto que chega ao consumidor final, e isso inclusive, influencia diretamente na lucratividade dos produtores em questão. Os canais de comercialização utilizados ou disponíveis aos produtores, bem como as relações que estes mantêm com os compradores de seus produtos, são determinantes para a reprodução social e econômica destas famílias rurais.

Pode-se verificar que a atual estrutura de transporte empregada pelos produtores olerícolas de Presidente Lucena está perfeitamente adaptada às necessidades de escoamento deste tipo de produção. A proximidade com o principal destino dos produtos (CEASA de Porto Alegre), as boas condições das principais rodovias utilizadas (relatado pelos produtores) e os veículos refrigerados proporcionam boas condições para o adequado transporte no escoamento da produção olerícola local. De acordo com o agente da EMATER local, a atual disponibilidade de transporte para estes produtores é resultado de políticas de crédito. Este fator pode ter contribuído consideravelmente para que os produtores se estruturassem e aperfeiçoassem suas estratégias de escoamento.

Quanto aos canais de comercialização, propõem-se alternativas para os perfis de produtores identificados na pesquisa de campo. Aos pequenos produtores, sugere-se a adoção de práticas de cultivos agroecológicas e a criação de feira para comercialização direta com o consumidor final. Aos de média produção estima-se que o canal de comercialização mais adequado seria com os comércios da região, onde haveria o encurtamento do canal de distribuição e a possibilidade de aumento de rentabilidade. Já aos produtores que produzem grandes quantidades, existe a possibilidade de fazer parcerias com grandes redes varejistas para a alavancagem dos lucros, ou continuar escoando através da CEASA, que proporciona o escoamento rapidamente, mas não apresenta condições para negociação dos preços segundo os relatos dos produtores. Estas proposições têm o interesse de contribuir para a melhoria da lucratividade dos produtores com base na literatura consultada, embora, os dados obtidos demonstram que estes produtores conseguem ter uma renda bruta bem considerável e a maior parte deles relatam ter boas relações com quem compra seus produtos.

Dentre os fatores que podem limitar as condições socioeconômicas das famílias produtoras deste município, está a falta de uma gestão qualificada para a aplicação de

estratégias de produção e comercialização. A grande maioria dos entrevistados não consegue fazer controle de quantidade produzida e valores recebidos, e isso é um ponto chave para o início de uma gestão qualificada dos recursos e estratégias empregadas em uma UPA.

Em relação aos questionamentos emergidos ao elaborar o problema de pesquisa, foi possível constatar que os produtores não têm grandes problemas nas questões referentes a logística de transporte, pois conseguiram se organizar de forma adequada, com a compra de caminhões, escolha dos canais de comercialização, que aparentemente tem gerado relativa renda a estes produtores e a localização geográfica tem contribuído para o bom andamento deste setor no município analisado. No que se refere a gestão qualificada dos recursos, a falta de controle sobre os fluxos de produtos e valores, pode estar dificultando este quesito nas propriedades, ou até mesmo, sendo negligenciada pelos produtores analisados. E quanto ao transporte dos produtos, pode-se dizer que, em virtude de os produtos não perderem qualidade no deslocamento das propriedades até seu destino, o transporte está sendo eficiente.

Pode-se destacar também, que a grande quantidade de pessoas (consumidores) concentrada na região, favorece as relações comerciais entre os produtores e os compradores de seus produtos. A facilidade e rapidez para escoar a produção merece atenção, “mas é uma faca de dois gumes”, pois a demanda está sendo a principal força de mercado, determinado os ganhos dos produtores e a sazonalidade tem marcado as relações comerciais entre estes agentes com oscilações constantes nos preços.

Através destes apontamentos, conclui-se que o objetivo de analisar as condições para o escoamento da produção olerícola em Presidente Lucena foi atingido, com o cumprimento dos objetivos específicos, que objetivaram discutir o contexto da logística e do escoamento da produção, avaliar possíveis gargalos existentes nas relações entre os produtores e os demais elos da cadeia produtiva relacionados ao escoamento, foi analisado a logística de transporte utilizada para o escoamento da produção e proposto alternativas de comercialização para os produtores olerícolas locais.

Como fatores limitantes deste estudo pode-se destacar que, sempre que uma pesquisa é elaborada, ela é fruto da visão do pesquisador em relação ao que ele encontra no desenrolar dos trabalhos. Assim é possível que as interpretações e discussões aqui elencadas sejam limitadas ao ponto de vista do autor. Também, há de se destacar a inexperiência do autor na realização deste tipo de trabalho. Dessa forma, alguns detalhes podem ter sido desconsiderados, ou até mesmo omitidos pelos produtores no momento da aplicação dos formulários. A amplitude dos assuntos tratados no decorrer do estudo pode ter limitado as discussões, pois os assuntos relacionados ao escoamento da produção envolvem muitos

aspectos que podem não ter sido colocado em pauta neste trabalho. A unidade de análise indicada pelo agente da EMATER pode ter emergido com um recorte de parcialidade, haja visto, que mesmo este sendo considerado o ente com maiores condições de propor uma unidade de análise realista e compatível para a presente pesquisa, o agente pode ter dado preferência aos produtores que ele mais tem contato, o que pode ter limitado o conhecimento da totalidade da heterogeneidade nas questões de escoamento da produção olerícola do município.

Para os próximos trabalhos, fica a sugestão de que se façam estudos específicos sobre cada forma de escoamento da produção olerícola no município de Presidente Lucena, com a finalidade de identificar a melhor opção para cada perfil de produtor existente, onde os integrantes desta cadeia produtiva possam ser beneficiados através de um canal de comercialização em que os preços sejam justos para todos, que se tenham produtos de qualidade e o meio ambiente e a saúde de quem trabalha e de quem consome estes produtos sejam constantemente preocupações nos processos produtivos.

Da mesma forma, considera-se importante que sejam elaborados estudos detalhados sobre cada um dos assuntos que compõem o escoamento da produção separadamente, a saber, condições da logística de transporte, canais de comercialização mais viáveis, relações entre os elos da cadeia produtiva, entre outros não mencionados neste trabalho. Igualmente, percebe-se a necessidade de elaborar estudos para encontrar formas de incentivar estes produtores a efetuarem controle dos fluxos de produção e de valores em suas propriedades, melhorando sua gestão/administração, para ter possibilidade de alinhar estratégias viáveis.

## REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, R. L. C. **A Gestão Estratégica dos Canais de Distribuição: um exame da evolução e do atual estágio do relacionamento entre o atacado de entrega e a indústria.** Fundação Getúlio Vargas, Escola de Administração de Empresas, São Paulo, 1997.  
Disponível em: <<https://moodle.ufrgs.br/mod/assign/view.php?id=1246541>>. Acesso em: 19 ago. 2017.
- AMARAL, D. D. **Logística e infraestrutura para o escoamento da produção de grãos no Brasil.** Associação Brasileira de Pós-colheita. 2014. Disponível em: <[http://eventos.abrapos.org.br/anais/paperfile/110\\_20143011\\_23-44-36\\_2035.PDF](http://eventos.abrapos.org.br/anais/paperfile/110_20143011_23-44-36_2035.PDF)>. Acesso em: 15 set. 2017.
- AZEVEDO, L. R. L. **A infraestrutura de escoamento de grãos de Mato Grosso.** 2014. 73. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Instituto de Economia. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014. Disponível em: <[file:///C:/Users/Gean%20Felipe/Downloads/AzevedoLuizRafaelLeiteTCC%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Gean%20Felipe/Downloads/AzevedoLuizRafaelLeiteTCC%20(1).pdf)>. Acesso em: 11 abr. 2017.
- BELING, R. R. et al. **Anuário Brasileiro das Hortaliças.** Editora Gazeta, 2016.  
Disponível em: <<http://www.editoragazeta.com.br/wp-content/uploads/2016/11/Hortali%C3%A7as-2016.pdf>>. Acesso em: 27 set. 2017.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Comissão Nacional de Normas e Padrões para Alimentos. **Resolução nº12. Dispõem sobre Normas Técnicas Especiais.** Diário Oficial de 24/07/1978. Disponível em: <[http://www.anvisa.gov.br/anvisalegis/resol/12\\_78.pdf](http://www.anvisa.gov.br/anvisalegis/resol/12_78.pdf)>. Acesso em: 16 ago. 2017.
- CASTRO, N. **Custos de transporte e produção agrícola no Brasil, 1970-1996.** Agric. São Paulo-SP, 49(2):87-109, 2002, p.93-108. Disponível em: <<http://nemesis.org.br/artigos/a0067.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2017.
- CONTAS NACIONAIS. **Produto Interno Bruto dos Municípios.** Número 49, IBGE, Diretoria de Pesquisas, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95014.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2017.
- CORREA, V. H. C.; RAMOS, P. **A precariedade do Transporte Rodoviário Brasileiro para o Escoamento da Produção de Soja do Centro-Oeste: situação e perspectiva.** RESR, Piracicaba, SP, vol. 48, nº 02, p. 447-472, 2010. Disponível em: <[file:///C:/Users/Gean%20Felipe/Downloads/2010\\_Correa\\_Ramos\\_Artigo\\_escoamento%20rodu%C3%A7%C3%A3o.pdf](file:///C:/Users/Gean%20Felipe/Downloads/2010_Correa_Ramos_Artigo_escoamento%20rodu%C3%A7%C3%A3o.pdf)>. Acesso em: 31 jul. 2017.
- DAROLT, M. R. et al. **Ambiente e sociedade.** Vol. XIX, núm. 2, 2016, pp. 1-22 Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade Campinas, São Paulo.  
Disponível em: <[https://moodle.ufrgs.br/pluginfile.php/1982494/mod\\_resource/content/1/Tema%2007%20-%202016%20-%20Darolt%20et%20al%20-%20Redes%20Alimentares%20Alternativas%20e%20Novas%20Rela%C3%A7%C3%B5es%20Produ%C3%A7%C3%A3o-Consumo.pdf](https://moodle.ufrgs.br/pluginfile.php/1982494/mod_resource/content/1/Tema%2007%20-%202016%20-%20Darolt%20et%20al%20-%20Redes%20Alimentares%20Alternativas%20e%20Novas%20Rela%C3%A7%C3%B5es%20Produ%C3%A7%C3%A3o-Consumo.pdf)>. Acesso em: 07 jun. 2017.

DELIBERAL, J. P.; TOMIELO, T.; MALAFAIA, G. C. **Relacionamento na Cadeia Produtiva do Leite Sob a Ótica dos Laticínios**. Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade de Caxias do Sul- UCS. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/mostraucspgga/mostrappga2013/paper/viewFile/3580/1116>>. Acesso em: 28 set. 2017.

FEEDADOS. **Dados sobre produção de olerícolas no estado do Rio Grande do Sul**. Disponível em: <<http://feedados.fee.tche.br/feedados/#!pesquisa=0>>. Acesso em: 27 set. 2017.

FERNANDES, M. **Escoamento da produção é um dos grandes problemas do agronegócio**. Brasília/Distrito Federal. Canal Rural. Atualizado em 18 de novembro de 2014. Disponível em: <<http://www.canalrural.com.br/noticias/agricultura/escoamento-producao-dos-grandes-problemas-agronegocio-44802>>. Acesso em: 15 set. 2017.

FONSECA, A. P.; NETO, P. P. G.; SILVA, E. P. S. **Planejamento de rede logística de produtos agrícolas orgânicos: agrupamento de unidades em arranjos produtivos locais como estratégia para a redução do custo logístico**. Transportes, Vol. XVIII, n. 3, p. 51-59, 2010. Disponível em: <<https://moodle.ufrgs.br/mod/assign/view.php?id=1246541>>. Acesso em: 05 ago. 2017.

FRÖHLICH, E. R.; DORNELES, S. B. **Elaboração de monografia na área de desenvolvimento rural – Revisão Bibliográfica**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011, PP. 22-27. (Série Educação a Distância). Disponível em: <<https://moodle.ufrgs.br/file.php/43707/derad023.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2017.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre-RS, UAB/UFRGS - PLAGEDER, 2009, ISBN 978-85-386-0071-8, Editora da UFRGS, 1ª Edição. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2017.

GONÇALVES, E. M. S. et al. **Manual para Apresentação de Trabalhos Acadêmicos**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Biblioteca Gládis Wiebbelling do Amaral. Porto alegre, 2016. Disponível em: <<https://moodle.ufrgs.br/mod/assign/view.php?id=1246541>>. Acesso em: 31 jul. 2017.

GOOGLE. Localidade pesquisada conforme indicado na janela de busca. In:\_\_\_\_\_. Google Maps. **Distância entre os municípios de Presidente Lucena e Porto Alegre**. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/dir/Pres.+Lucena,+Rio+Grande+do+Sul/Porto+Alegre,+Rio+Grande+do+Sul/@-29.7774115,-51.4590428,10z/data=!3m1!4b1!4m14!4m13!1m5!1m1!1s0x95194e1a05b01967:0x3c367cdb e22cf673!2m2!1d-51.1689963!2d-29.5207128!1m5!1m1!1s0x9519784e88e1007d:0xc7011777424f60bd!2m2!1d-51.2176584!2d-30.0346564!3e0>>. Acesso em: 23 set. 2017.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo agropecuário 2010. Dados sobre o município de Presidente Lucena-RS**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/rs/presidente-lucena/panorama>>. Acesso em: 07 jun. 2017.



JORNAL DA CEASA/RS. **Dados sobre a abrangência do abastecimento no Estado.** Ano 2, edição 3, Janeiro e Fevereiro, 2017. Disponível em:  
<[https://issuu.com/ceasa.rs/docs/jornal\\_completo/1?ff=true](https://issuu.com/ceasa.rs/docs/jornal_completo/1?ff=true)>. Acesso em: 06 ago. 2017.

MATOS, F. A. C. et al. **Coleção passo a passo: Alface, saiba como cultivar hortaliças para colher bons negócios.** Série Agricultura Familiar, SEBRAE. 2011. Disponível em:  
<[http://201.2.114.147/bds/bds.nsf/E3D05C5BC28A430A83257984003EA3D8/\\$File/NT00047306.pdf](http://201.2.114.147/bds/bds.nsf/E3D05C5BC28A430A83257984003EA3D8/$File/NT00047306.pdf)>. Acesso em: 16 ago. 2017.

MIELE, M.; SCHULTZ, G.; WAQUIL, P. D. **Mercados e Comercialização de Produtos Agroindustriais. Unidade 3 – O Agronegócio no Mundo e no Brasil.** Editora UFRGS. Série Educação a Distância. 2011. Disponível em:  
<[https://moodle.ufrgs.br/pluginfile.php/1382939/mod\\_resource/content/1/Material%20did%C3%A1tico%20DERAD400%20Plageder.pdf](https://moodle.ufrgs.br/pluginfile.php/1382939/mod_resource/content/1/Material%20did%C3%A1tico%20DERAD400%20Plageder.pdf)>. Acesso em: 28 set. 2016.

NOTARJACOMO, M. H. B. **Escoamento da produção de açúcar a granel no estado do Mato Grosso do Sul destinado à exportação: um estudo de rotas e seus custos.** Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia da Produção. Porto Alegre. UFRGS. 2103. Disponível em:  
<<https://moodle.ufrgs.br/mod/assign/view.php?id=1246541>>. Acesso em: 02 ago. 2017.

PÊGO, B. **Logística e Transportes no Brasil: uma análise do programa de investimentos 2013-2017 em rodovias e ferrovias.** Relatório de pesquisa. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA. Rio de Janeiro. 2016. Disponível em:  
<[http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/7420/1/RP\\_Log%C3%ADstica\\_2016.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/7420/1/RP_Log%C3%ADstica_2016.pdf)>. Acesso em: 15 abr. 2017.

RECH, L. R.; MORAES, M.; CASAROTO, E. L. **Escoamento da produção de soja: análise situacional das rodovias federais em Mato Grosso do Sul e Mato Grosso.** SIMPOI, 2016. Anais. Disponível em: <<https://moodle.ufrgs.br/mod/assign/view.php?id=1246541>>. Acesso em: 02 set. 2017.

RIBEIRO, D. M. **Logística: Conceitos, Problemas e Perspectivas.** Nota Técnica Iparde, n.10, Curitiba, 2010. Disponível em:  
<[http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/NT\\_10\\_logistica.pdf](http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/NT_10_logistica.pdf)>. Acesso em: 15 abr. 2017.

SALGADO JUNIOR, A. P. et al. **Um Estudo da Logística Para o Escoamento da Produção Pecuária do Sul do Pará.** Pesquisa e Desenvolvimento em Engenharia de Produção. Itajubá, v. 9, n. 2, p. 94-107, 2011. Disponível em: <<http://www.revista-ped.unifei.edu.br/documentos/V09N02/03-3508-V9-N2-2011.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2017.

SANTOS, Jean da Silva; PROST, Catherine. **Análise do pequeno estabelecimento rural no Recôncavo Baiano: o escoamento da olericultura.** Revista Geográfica da América Central, Número especial EGAL, p. 1-17, Costa Rica, 2011. Disponível em:  
<<https://moodle.ufrgs.br/mod/assign/view.php?id=1246541>>. Acesso em: 05 ago. 2017.

SCHMIT, C. J. **Encurtando o Caminho Entre a Produção e o Consumo de Alimentos.** Editora Convidada. Agriculturas, Vol. 8, n. 3. 2011. Disponível em:  
<[https://moodle.ufrgs.br/pluginfile.php/1982493/mod\\_resource/content/1/Tema%2007%20-](https://moodle.ufrgs.br/pluginfile.php/1982493/mod_resource/content/1/Tema%2007%20-)

%202011%20Schmitt%20-%20Editorial%20Revista%20Agriculturas.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2017.

SEPULCRI, O.; TRENTO, E. J. **O Mercado e a Comercialização de Produtos Agrícolas**. EMATER. SEAB. MDA. Governo do Estado do Paraná. Curitiba/PR. 2010. Disponível em: <[https://moodle.ufrgs.br/pluginfile.php/1982492/mod\\_resource/content/1/Tema%2007%20-%202010%20-%20Sepulcri\\_Trento%20-%20O%20mercado%20e%20a%20comercializacao%20de%20produtos%20agricolas.pdf](https://moodle.ufrgs.br/pluginfile.php/1982492/mod_resource/content/1/Tema%2007%20-%202010%20-%20Sepulcri_Trento%20-%20O%20mercado%20e%20a%20comercializacao%20de%20produtos%20agricolas.pdf)>. Acesso em: 04 jun. 2016.

SOUZA, S. O. **A Integração das Cadeias Produtiva, de Suprimentos e Logística dos Vinhos Finos Gaúchos, como Estratégia para Obter uma Vantagem Competitiva**. XXII ENEGP, ABEPRO. São Leopoldo/RS. Unisinos, 2002. Disponível em: <[http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP2002\\_TR11\\_1007.pdf](http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP2002_TR11_1007.pdf)>. Acesso em: 26 set. 2017.

SPOTO, M. H. F. **Pós-colheita de frutas e hortaliças**. Piracicaba-SP: Universidade de São Paulo, Escola Superior de Agricultura Luis de Queiroz, 2017. Disponível em: <<http://www.esalq.usp.br/departamentos/lan/pdf/FrutasHortalicas.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2017.

TANACA, E. K. T.; BOMFIM, R. M.; FILHO, H. M. S. **Arranjos Organizacionais de Fornecedores de Hortaliças: caso de uma grande rede varejista**. XXX Encontro Nacional de Engenharia de Produção. São Carlos, São Paulo, 2010. Disponível em: <<https://moodle.ufrgs.br/mod/assign/view.php?id=1246541>>. Acesso em: 17 ago. 2017.

TEIXEIRA, A. M. M.; DIANA, D. **Vantagens na Terceirização de uma Frota de Veículos Leves**. Centro Estadual de Educação Tecnológica Paulo Souza. FTLPAS, Curso Superior de Tecnologia em Logística. São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.fateclins.edu.br/site/trabalhoGraduacao/0wmcv00XsGtyLSUf3ZxsFu6ovisZkVBklAJPdmdm0.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2017.

## ANEXOS

Neste item, estão expostos os documentos indispensáveis para a realização do presente estudo, elencados em anexos “A, B, C, D e E”, tais como, os formulários de pesquisa e respectivo controle, termo de consentimento informado, livre e esclarecido e a transcrição da entrevista com o agente da EMATER.

Os formulários de pesquisa de campo visam coletar dados e informações sobre a realidade do escoamento da produção olerícola local, proporcionando com isso, a percepção que o órgão de extensão rural do município bem como uma análise e discussões das situações enfrentadas pelos produtores no que se refere ao escoamento de suas produções. O formulário de pesquisa destinado aos produtores está dividido em quatro blocos, os três primeiros com perguntas fechadas visando quantificar aspectos relevantes quanto às características das famílias e propriedades, a produção olerícola nas propriedades, a logística e o escoamento. No último bloco trabalhamos com perguntas abertas para qualificar as questões sobre o escoamento da produção e as percepções dos produtores das situações que enfrentam. Os controles de formulários servem para identificar os entrevistados e anotar observações importantes, mencionadas no momento da entrevista. Os termos de consentimento informado, livre e esclarecido dão autenticidade às entrevistas, sendo que através deles os entrevistados autorizam a descrição das informações coletadas e a utilização na presente pesquisa. A transcrição da entrevista com o agente da EMATER visa dar clareza nas informações validadas junto a este órgão, apresentando na íntegra as respostas do agente ao formulário de pesquisa.

**ANEXO A – FORMULÁRIO DE PESQUISA (ao agente da Emater/Ascar)**

- 1- Qual é o foco (missão) do trabalho desempenhado pela Emater?
  - 2- A Emater está desenvolvendo alguma ação no que tange ao escoamento da produção no município, região ou ainda no estado?
  - 3- A Emater tem alguma ação ligada a questão logística e de escoamento da produção em Presidente Lucena?
  - 4- É possível manter a mesma linha de ação na região? E no município?
  - 5- Se não, o que e difere a região e o município? Quais as causas?
  - 6- Com base nos dados da Emater, quantas propriedades rurais (produzindo) existem no município?
  - 7- Quantas destas trabalham com olerícolas?
  - 8- Quais os cinco principais produtos olerícolas mais produzidos em Presidente Lucena?
  - 9- Baseado nos dados da Emater, para quem os produtores geralmente vendem seus produtos?
  - 10- Qual seria a abrangência geográfica que estes produtos alcançam na comercialização e consumo?
  - 11- Como ocorre o escoamento da produção de hortaliças em PL?
  - 12- Na sua opinião, a logística de transporte que vem sendo empregada está adequada a este tipo de produção?  
 1       2       3       4       5
- Justifique:
- 13- Qual seria o número adequado e quais propriedades indica para uma pesquisa realista e coerente com a realidade de Presidente Lucena?

**ANEXO B - FORMULÁRIO DE PESQUISA (aos produtores rurais)**

**BLOCO 1: CARACTERÍSTICAS DAS FAMÍLIAS E PROPRIEDADES**

**1-** Há quanto tempo trabalha na agricultura?

**2-** De que forma conquistou sua propriedade?

Herança                       Comprou                       Paga aluguel                       Outro

Descrever outro:

**3-** Qual o tamanho de sua propriedade em hectares?

1 a 5                       5 a 10                       10 a 15                       15 a 20                       Mais de 20

**4-** Qual o tamanho da sua área de produção olerícola em hectares?

1 a 3                       3 a 6                       6 a 9                       9 a 12                       Mais de 12

**5-** Quantos integrantes têm na família?

1                       2                       3                       4                       5                       6                       Mais

**6-** Quantos trabalham nas atividades de produção agrícola?

1                       2                       3                       4                       5                       6                       Mais

**7-** Qual o tipo de produção que provem a principal renda familiar?

Olerícolas                       Outros

Qual?

**8-** A mão de obra utilizada na propriedade é?

Familiar                       Contratada                       Ambas

Qual predomina?

Familiar                       Contratada                       Ambas

**9-** Qual o nível de mecanização que você considera estar utilizando nos processos produtivos?

Baixo       Regular       Bom       Alto       Muito alto

**10-** Sua propriedade pode ser classificada como?

Familiar       Patronal       Sociedade       Outra

**11-** Tem outra fonte de renda?

Sim       Não

Qual?

## BLOCO 2: PRODUÇÃO OLERÍCOLA NAS PROPRIEDADES

**1-** Quais os 5 produtos mais produzidos (hierarquizar), e que quantidades mensais produzidas de cada?

1º-
2º-
3º-
4º-
5º-

**2-** Utiliza adubo orgânico em sua produção?

Sim       Não

Qual?

**3-** Qual ou quais as técnicas de produção são utilizadas em sua propriedade?

- Canteiros em campo aberto  
 Canteiros em campo aberto, cobertos com lona  
 Plasticultura (plantio em estufas)  
 Hidroponia  
 Semi-hidroponia

Outro

Qual?

### BLOCO 3: LOGÍSTICA DE TRANSPORTE E ESCOAMENTO DA PRODUÇÃO

**1-** Como é feito o transporte de sua produção olerícola?

Meios particulares                       Terceirizado                       Por atravessador

Quanto ao meio de transporte utilizado no escoamento?

- Caminhão aberto  
 Caminhão com lona  
 Caminhão refrigerado  
 Outro, qual?

**2-** Qual o canal de comercialização utilizados para vender seus produtos olerícolas?

- Ceasa-POA  
 Atravessador  
 Comércio da região (próprio)  
 Outro, qual?

**3-** Os preços de venda de seus produtos estão satisfatórios?

Sim                       Não

**4-** Qual o valor recebido para cada um dos 5 principais produtos citados na pergunta 1 do BLOCO 2, nas comercializações mais recentes?

Produto	Valor (R\$) médio por caixa/dúzia/maço/etc.
1º-	
2º-	
3º-	
4º-	
5º-	

**5-** Na propriedade, é feito embalagem dos produtos?

Sim  Não

Como é feita?

**6-** Como você avalia o serviço de transporte utilizado para os seus produtos?

1  2  3  4  5

**7-** Como você avalia as condições das estradas utilizadas para transportar seus produtos?

1  2  3  4  5

**8-** Como é feito o pagamento do uso dos serviços de transporte? (próprio não se aplica)

À prazo  À vista  Antecipado  Troca

Outro

#### BLOCO 4: PERCEPÇÃO QUANTO A QUESTÃO DO ESCOAMENTO DA PRODUÇÃO

**1-** Como você avalia sua relação comercial com o comprador de seus produtos olerícolas?

CAESA:

Atravessador:

Comercio local:

**2-** Na sua opinião, qual seria a melhor maneira de vender seus produtos olerícolas?

**3-** Se fosse organizado feiras para comercialização direta com o consumidor, você teria interesse em participar? Por quê?

**4-** Almeja alguma mudança na sua forma de escoar sua produção olerícola? Quais?

**5-** Descreva sua percepção em relação a qualidade do transporte?

**6-** Como você avalia a comunicação entre o transportador e você? (próprio não se



aplica)

**7-** Como você percebe/avalia a entrega de seus produtos?

**8-** Você percebe perda de qualidade nos seus produtos no momento do transporte?

**9-** O que tem sido melhor para você? E por quê?

CEASA:

Atravessador:

Comércio local:



**ANEXO D – TERMO DE CONSETIMENTO INFORMADO, LIVRE E  
ESCLARECIDO**

**TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO**

**Trabalho de Conclusão de Curso  
INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL – UFRGS**

**NOME:** \_\_\_\_\_

**RG/CPF:** \_\_\_\_\_

Este **Consentimento Informado** explica o Trabalho de Conclusão de Curso “Escoamento da Produção Olerícola em Presidente Lucena”, para o qual você está sendo convidado a participar. Por favor, leia atentamente o texto abaixo e esclareça todas as suas dúvidas antes de assinar.

Aceito participar do **Trabalho de Conclusão de Curso “Escoamento da Produção Olerícola em Presidente Lucena” – do Curso Bacharelado em Desenvolvimento Rural – PLAGEDER**, que tem como objetivo analisar os principais problemas que afetam o escoamento de hortaliças.

A minha participação consiste na recepção do aluno Gean Felipe Angelin para a realização de entrevista.

Fui orientado de que as informações obtidas neste Trabalho de Conclusão serão arquivadas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS e que este projeto/pesquisa resultará em um **Trabalho de Conclusão de Curso** escrito pelo aluno. Para isso, (  ) **AUTORIZO** / (  ) **NÃO AUTORIZO** a minha identificação da propriedade para a publicação no TCC.

Declaro ter lido as informações acima e estou ciente dos procedimentos para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso, estando de acordo.

**Assinatura** \_\_\_\_\_

**Presidente Lucena, \_\_\_\_/\_\_\_\_/2017**

## ANEXO E – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Abaixo consta transcrição da entrevista realizada com o agente da EMATER realizada em 21 de setembro de 2017.

### ENTREVISTA

**Nome: F. H. Idade: 57 anos. Formação: Engenheiro Agrônomo. Tempo de experiência na EMATER: 27 anos.**

**Pq** – A presente pesquisa tem por finalidade conhecer a realidade para analisar as condições do escoamento da produção olerícola em Presidente Lucena. Mais precisamente nas questões atinentes à logística, transporte e comercialização dos produtos pelos produtores. Sendo assim. Qual é o foco (missão) dos trabalhos desempenhados pela EMATER?

**En** – Viabilizar os lados social, econômico e ambiental no meio rural, para gerar melhoria da qualidade de vida das famílias rurais.

**Pq** – A EMATER está desenvolvendo alguma ação no que tange ao escoamento da produção no município, região ou ainda no estado?

**En** – Sim, organização coletiva dos produtores no município, para a criação de uma feira de comercialização direta com o consumidor, priorizando a produção de base ecológica (orgânicos), mas não estão certificados ainda. As políticas de crédito para aquisição de equipamentos e implementos agrícolas e veículos, desenvolvidas a nível estadual e nacional, tem contribuído para que os produtores do município adquiram caminhões e câmaras frias. O PAA e PNAE não são muito acessados pelos produtores, são apenas quatro cadastros no município, eles têm receio das exigências destes programas.

**Pq** – A EMATER tem alguma ação ligada a questão logística e de escoamento da produção em Presidente Lucena?

**En** – Informalmente, onde os produtores fazem integração “acordos” uns com os outros, aqueles que tem mais condições transportam para os outros e também compram dos outros. Inclusive com produtores do município vizinho “São José do Hortêncio”.

**Pq** – É possível manter a mesma linha de ação na região? E no município?

**En** – Sim, o PRONAF é muito bem aceito no município. Outros programas estaduais como as chamadas públicas para a agroecologia, incentivo para a produção de açudes e o FEAPER para instalação de irrigação, energia elétrica e agroindústrias, entre outros também estão sendo acessados pelos produtores olerícolas.

**Pq** – Se não, o que e difere a região e o município? Quais as causas?

(-----Não se aplica-----)

**Pq** – Com base nos dados da EMATER, quantas propriedades rurais (produzindo) existem no município?

**En** – São em torno de 170 famílias rurais, onde aproximadamente 10 não produzem o ano todo, são produtores temporários.

**Pq** – Quantas destas trabalham com olerícolas?

**En** – Cerca de 80 produtores.

**Pq** – Quais os cinco principais produtos olerícolas mais produzidos em Presidente Lucena?

**En** – Em primeiro as folhosas, com destaque para a alface, rúcula e couve folha, em segundo a batata doce, em terceiro o aipim, em quarto o brócolis e em quinto o pimentão. A beterraba, couve-flor, repolho e tomate variam conforma a época do ano.

**Pq** – Baseado nos dados da EMATER, para quem os produtores geralmente vendem seus produtos?

**En** – A grande maioria, sem dúvidas, coma CEASA de Porto Alegre, acredito que, cerca de 85% da produção local é comercializada através da CEASA-POA e CEASA de Novo Hamburgo. Em torno de 10% comercializam com empresas, mercados, restaurantes e demais comerciantes da região. E provavelmente 5% vendem direto ao consumidor, de porta a porta.

**Pq** – Qual seria a abrangência geográfica que estes produtos alcançam na comercialização e consumo?

**En** – Os municípios de Ivoti (11Km), Dois Irmãos (16Km), Portão (30Km), Novo Hamburgo (25Km), Canoas (50Km), Sapiranga (35Km) e Porto Alegre (65Km) são os mais frequentados.

**Pq** – Como ocorre o escoamento da produção de hortaliças em PL?

**En** – Existe a dificuldade de novos entrar neste mercado, pois existem parcerias consolidadas a muitos anos. Os que produzem mais, tem caminhões novos e refrigerados para o transporte. A maior parte deles tem caminhão baú (fechado) para transportar, somente os que trabalham com produtos menos perecíveis como a batata doce, melão e aipim acreditam que não tem a necessidade de ter caminhão refrigerado e de certo modo estão certos.

**Pq** – Na sua opinião, a logística de transporte que vem sendo empregada está adequada a este tipo de produção?

**En** – ( ) 1                      ( ) 2                      ( ) 3                      ( ) 4                      (X) 5

**Pq** – Justifique:

**En** – Praticamente todos possuem caminhão adequado para o transporte de seus produtos. Somente os que não produzem volumes significativos não têm, mas fazem integração com outros que tem caminhão adequado.

**Pq** – Qual seria o número adequado e quais propriedades indica para uma pesquisa realista e coerente com a realidade de Presidente Lucena?

**En** – Oito seriam suficientes, pois os modos de operação em termos de escoamento são muito parecidos entre os produtores do município. Na comunidade de Linha Nova Baixa indico as famílias Brill, Medtler, Kaiser e Schneider. Da Picada Schneider indico a família Graeff. No Centro as famílias Laux e Bervian. E a família Becker no Morro do Pedro.

Observações:

**En** – Após o asfaltamento da Estrada Geral - São José do Hortêncio, que liga a área central de Presidente Lucena ao município de São José do Hortêncio, através da comunidade de Linha Nova Baixa, foi perceptível o aumento da produção olerícola nesta comunidade. E o aumento da aquisição de caminhões por parte dos produtores. Embora haja muita produção de olerícolas em Presidente Lucena, a maior parte destes produtos trabalham de forma parecida.

---

Legenda: **Pq** – Pesquisador; **En** - Entrevistado